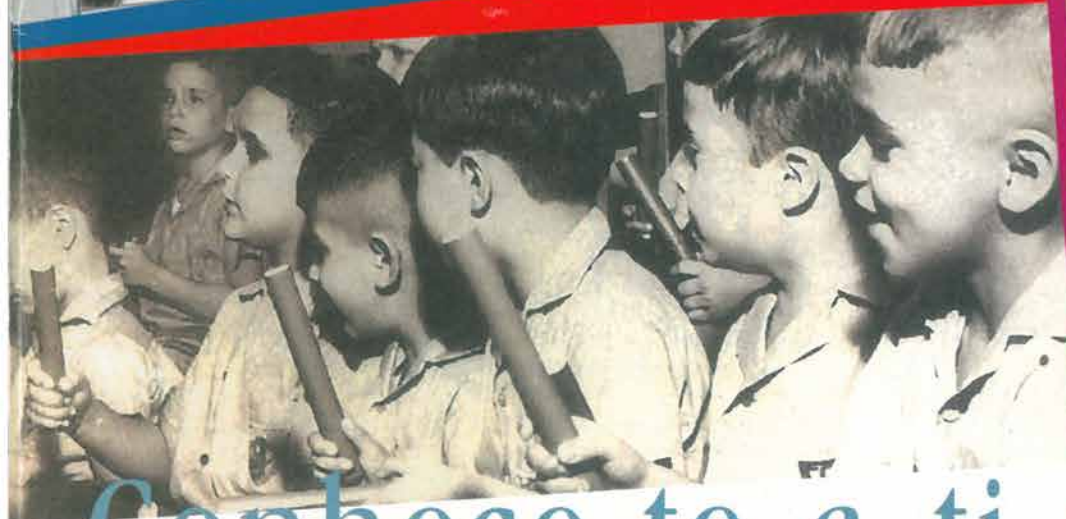














a chama



Conhece-te a ti mesmo

	NA SALA COM OS ADULTOS		2
	UMA MISSÃO SOCIAL		4
	FÁBRICA DE CIDADÃOS		8
	BATENDO O PONTO		15
COMUNICAÇÃO À MOSTRA			18
	A CARA DO SÃO VIÇA		20
	O MÁRTIR DA CARIDADE		25
	DA PENA AO PRELO		29
	UMA QUESTÃO DE LIMITES		34
	CRIANÇAS NO PALCO		38

EXPEDIENTE

a chama

Ano XXVII – Nº 61
dezembro/2000

Revista editada pela APM
Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo
Rua Cosme Velho, 241 – Cosme Velho – CEP 22241-090 – Rio de Janeiro – RJ
Telefone: (021) 556 0796 – e-mail: apmcsvp@iname.com

Supervisão Editorial: Pe. Lauro Palú e Jorge Faulhaber
Coordenação Editorial: Regina Martelete
Redação e Edição: Ana Beatriz de Noronha e Cátia Guimarães
Projeto Gráfico: Oswaldo Eduardo Lioi
Ilustrações: Iuri Lioi (3ª capa), Diogo, do 3º C, (p. 12)
Colaboração: Gilberto de Carvalho e Antônio Moraes (Serviço Audiovisual / CSVP - fotos)
Revisão: Ana Beatriz de Noronha e Cátia Guimarães
Editoração: Wesley Lemos
Capa: Oswaldo Eduardo Lioi (concepção gráfica)

DIRETORIA DA APM

Casal Presidente: Jorge Wood Faulhaber e Maria Cristina B. Faulhaber
Casal Vice-Presidente: Oswaldo Eduardo Lioi e Carla Lioi
Casal Relações Públicas: Clóvis Speroni e Luciana Vasconi
Casal Tesoureiro: Duarte Machado Vicente e Maria Lúcia Godoy Vicente
Casal Secretário: Jésus de Alvarenga Bastos e Regina Maria Martelete
Casal Representante dos Professores: Roseli e Sidnei Vasconcellos

No final deste ano, estaremos completando dois anos à frente da APM. É chegada a hora de nos despedirmos, de abrirmos espaço para novas famílias participarem dessa experiência tão gratificante.

Iniciamos o nosso mandato com a responsabilidade de participar da elaboração do Projeto Pedagógico da Escola. Vivemos o ano do quadragésimo aniversário do São Vicente. Choramos a morte do querido Pe. Almeida. Recebemos, de braços abertos, o novo diretor, Pe. Lauro. Quanta coisa, em tão pouco tempo.

Participar da diretoria da APM foi uma experiência inigualável. Foram dois anos de um convívio inestimável. Foram reuniões, feiras, seminários, palestras, concertos. Vivemos um grande exercício de cidadania.

Começamos nosso mandato querendo fazer muito mais do que conseguimos. Não fizemos tudo o que queríamos, mas deixamos algo de concreto.

Concluimos a iluminação do auditório do Colégio, com a aquisição da mesa de luz. Participamos ativamente do Projeto Pedagógico. Colaboramos com o Projeto Jaguaruana. Contribuímos para a Associação das Voluntárias da Caridade. Elaboramos o Projeto Gráfico e Editorial para a revista "a chama". Iniciamos o projeto do Laboratório de Línguas, que será concluído pela próxima diretoria. E, se mais não fizemos, foi por sermos limitados em nossa capacidade.

Agora, estamos partindo com a precisa e grata sensação de missão cumprida.

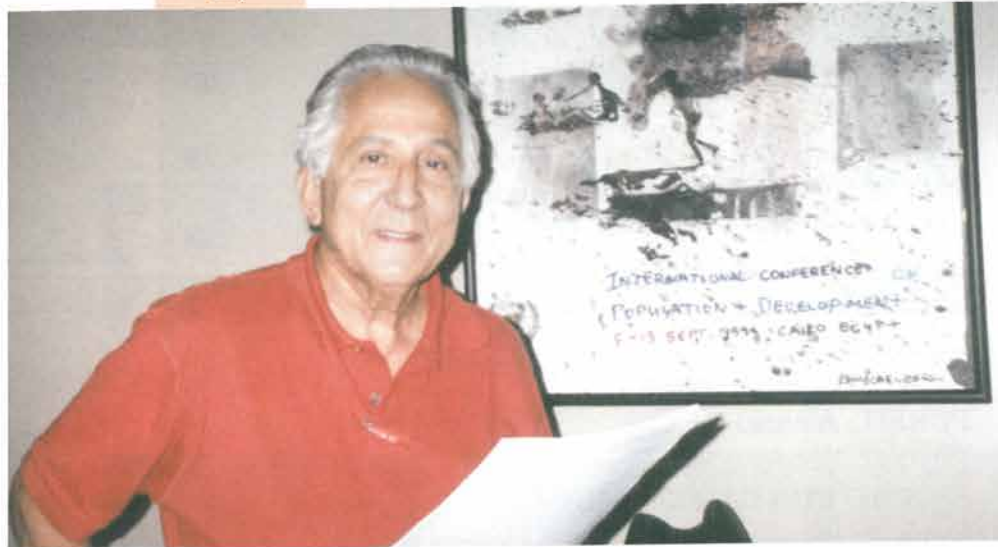
Jorge Eduardo Faulhaber

SUMÁRIO

CAPA	
Quem somos nós?	20
ESPECIAL	
Compromisso com a cidadania	8
ENTREVISTA: Prof. José Fernandes	
Uma nova chance	2
AÇÕES SOCIAIS	
Missionários em ação	4
COMO SE FAZ	
Pais e escola de mão dadas	6
PERFIL: Alemão	
Um doce Alemão	12
ENSINO FUNDAMENTAL	
Notas	14
AÇÃO PEDAGÓGICA	
O nome deles é trabalho	15
Comunico, logo existo	18
FAMÍLIA VICENTINA	
Grande Família	24
Mais um Santo vicentino	25
FÓRUM	
Favor não esquecer	26
ESPAÇO APM	
Notas	28
Como se faz uma "chama"	29
ACONTECENDO	30
ETC...	
Sr. Vicente	31
Bravo!	32
Nos labirintos da vida	33
Erros e acertos	34
Tudo vale a pena..	35
Semana cultural	36
Em cena, a Educação	38
Contando a liberdade	39
ESPAÇO ABERTO e CARTAS	40

UMA NOVA

José Fernandes, coordenador do supletivo,



Há 14 anos, José Fernandes da Silva coordena o curso supletivo — atualmente chamado de Educação de Jovens e Adultos — do Colégio São Vicente de Paulo.

Filósofo, teólogo e pedagogo, com mestrado em Educação, ele dá aulas de português para o Supletivo do Colégio desde 1974, um ano depois da criação do curso. Desde essa época, passou apenas oito anos longe do São Vicente. Quando voltou, em 1986, assumiu a função que desempenha até hoje, desenvolvendo um trabalho educativo e social.

Hoje, aos 70 anos, José Fernandes não demonstra o menor sinal de cansaço. Continua enriquecendo o curso e apostando numa educação voltada para a formação do cidadão.

Nesta entrevista, o coordenador do supletivo do São Vicente apresenta as dificuldades e as alegrias que fazem a realidade de quem vem dedicando a vida a ensinar adultos.

A chama: *Quais os objetivos e a importância de um curso supletivo num país como o Brasil?*
José Fernandes: Todos sabemos que o modelo de nossa colonização criou dois “Brasis”: uma classe dominante, destruidora das culturas nativas e outra, dominada, explorada, iletrada, incapaz de responder às exigências de leitura e escrita que a sociedade faz. Impedida de plena cidadania, essa população ainda sofre as conseqüências desta realidade histórica. O IBGE calcula, com dados de 1996, 15,5 milhões de analfabetos na população brasileira, de 15 anos ou mais. A UNESCO coloca o Brasil entre os países latino-americanos com taxa de analfabetismo superior a 10%, junto com República Dominicana, Bolívia, Honduras, El Salvador, Guatemala e Haiti. O supletivo foi considerado pela nova lei de ensino como uma modalidade específica de ensino fundamental cujo primeiro objetivo tem um caráter de reparação das injustiças do passado, criando novas oportunidades para aquele sujeito que foi, na verdade, o grande artesão anônimo da nossa história. Como disse antes, a muitos brasileiros foi simplesmente negado o direito à leitura e à escrita. Outros tiveram que interromper os estudos na época apropriada para poderem trabalhar. Uma população mais jovem está se tornando cada vez mais presente nos cursos supletivos.

A chama: *Como funciona o curso supletivo do São Vicente?*

José Fernandes: O supletivo surgiu 15 anos após a inauguração do Colégio. É composto de dez turmas, do CA à 8ª série. Funciona sob a forma de “fases”, com duração de um semestre. A exceção são as turmas de alfabetização, CA e primeira série, que duram um ano. O aluno que não repetir nenhuma fase pode completar o curso em cinco anos e meio.

A chama: *Pedagogicamente, quais as peculiaridades do curso de educação de adultos?*

José Fernandes: Eu apontaria duas: a primeira seria um verdadeiro desafio para o professor. Ele tem que ter fé no seu aluno. Muitos deles, provenientes de várias regiões do Brasil, desenvolveram uma vasta cultura, baseada na oralidade, no artesanato, na literatura de cordel, no teatro popular, nas festas religiosas e também nas festas juninas, quando são resgatados aspectos culturais do nosso folclore, que têm sido adulterado ultimamente. Quando o professor acredita no seu aluno, está despertando sua auto-estima, ponto de partida para uma aprendizagem mais eficiente. A segunda peculiaridade seria a paciência que o professor deve ter. Como a época de alfabetização foi queimada, o aluno adulto tem muita dificuldade de coordenação, de domínio da escrita e de expressão. Os resultados são demorados. O professor do adulto, além de dominar os conteúdos, deve ter habilidade para despertar valores, trabalhar atitudes de solidariedade, participação e respeito pelas características pessoais de cada um. Entretanto, eles são muito sensíveis e gratos ao que se faz por eles. É sempre bom ver como os ex-alunos guardam saudade do Colégio quando voltam para rever os mestres, muitos deles decepcionados com o ensino médio que encontram nos colégios do Estado.

CHANCE

fala sobre educação de adultos

“A filosofia do SVP se concretiza na formação de agentes de transformação social, com liberdade e responsabilidade. O supletivo responde bem a essa filosofia”

A chama: O supletivo tem um caráter mais profissionalizante ou mais acadêmico?

José Fernandes: Mais acadêmico, visto que, por enquanto, só temos o ensino fundamental. A direção da Congregação não descarta a possibilidade de se abrir um curso de ensino médio, mas a questão dos encargos sociais ainda coloca obstáculos a essa proposta tão desejada pelos alunos.

A chama: Quais as diretrizes do curso?

José Fernandes: Temos nos orientado pelos pareceres da Câmara de Educação Básica (CEB), do Conselho Nacional de Educação (CNE), e pelas Novas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Nosso ensino tem como objetivo principal desenvolver o educando, assegurando a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e possibilitando novas inserções no mundo do trabalho e na vida social.

A chama: O aluno que sai do curso supletivo encontra condições de continuar os estudos?

José Fernandes: Muitos se contentam com o diploma de 8ª série. Mas todos que continuam os estudos conseguem melhorar sua condição de vida na sociedade, no nível de empregos e até em nível universitário. Basta citar o caso de um professor que, quando recorreu a um escritório de advocacia, foi recebido por uma ex-aluna sua, da 8ª série, recém-formada em Direito. Ela que, quando aluna do São Vicente, era empregada doméstica de uma advogada, foi incentivada a estudar. Fez o 2º grau, cursou a Cândido Mendes e continuou trabalhando com a mesma patroa, só que agora, como advogada. ■

Ana Beatriz de Noronha
Cátia Guimarães

A chama: Quantos alunos e professores existem no supletivo do São Vicente?

José Fernandes: No segundo semestre deste ano, foram matriculados 300 alunos e somos 21 professores. Como serviço de apoio, contamos com uma psicóloga como orientadora educacional, uma bibliotecária e um inspetor de disciplina.

A chama: Que tipo de público o supletivo do Colégio atende?

José Fernandes: São pessoas de diversas profissões. Como a população feminina é a mais numerosa — 61% são mulheres —, temos muitas domésticas, babás, zeladores de portaria de prédios e trabalhadores de comércio de modo geral. Muitos moram no próprio emprego, de segunda a sábado. O Nordeste é a região mais representada, com cerca de 50% dos alunos.

A chama: Como um curso supletivo se encaixa na filosofia de um colégio como o São Vicente?

José Fernandes: Foi com o desenvolvimento da reflexão do Colégio e da Igreja sobre os problemas político-sociais do Brasil que surgiu, na década de 60, a idéia de se abrirem oportunidades para o segmento menos favorecido da sociedade. A filosofia do São Vicente se concretiza na formação de agentes de transformação social, com liberdade e responsabilidade. O supletivo responde bem a essa filosofia, visto que se propõe a dar oportunidade para que o adulto se torne senhor de sua história dentro de um contexto de trabalho como serviço à sociedade e exercício da cidadania.

“O supletivo tem um caráter de reparação das injustiças do passado, criando novas oportunidades para aquele sujeito que foi, na verdade, o grande artesão anônimo da nossa história”



MISSIONÁRI

O primeiro moiteiro avisava que Pe. Maurício havia chegado. O segundo confirmava que todos deveriam se dirigir para a escola onde seria celebrada a missa. E o resultado do recado foi claro: a comunidade de Riacho do Meio compareceu em peso à cerimônia.

Essa é apenas mais uma das inúmeras histórias que um entusiasmado grupo de missionários do São Vicente tem para contar sobre Cocos, cidade do sertão da Bahia.

A equipe — formada pelos professores José Eduardo (mais conhecido como Zé Du), Lauro, Noêmia, Márcia, Rosa e Edna, Gilberto (do audiovisual), o diácono Geraldo Mól e Pe. Maurício — está há quase um ano investindo tempo e dedicação num trabalho social que pode ser mal resumido como de evangelização e capacitação. Mas não é só isso. “O carisma da província vicentina é a missão. E ser missionário significa estar em terras distantes, ajudando o povo a se organizar pela fé”, explica Pe. Maurício.

Foi com esse propósito, que, nos idos de 1982, ele descobriu aquela região. Com os estudos de teologia concluídos no ano anterior, período do auge da “Teologia da Libertação”, Pe. Maurício, junto com outros dois sacerdotes, assumiu a paróquia de Carinhanha, que fica a aproximadamente 130 km de Cocos. Começava nesse momento uma relação de amor que se fortaleceu em 1986, quando ele foi definitivamente para a cidade, e não morreu até hoje, apesar da distância.

Mas, se isso foi há tanto tempo, onde o grupo do São Vicente entra nessa história?

Nasce um projeto social

A equipe começou pequenininha e ganhou agregados ao longo do tempo. O primeiro contato com Cocos aconteceu no final do ano passado, na volta de um encontro que a província vicentina organizou para missionários leigos, no Caraçá. Edna e Ze Du estavam frustrados por não terem podido participar de uma outra missão, que já estava em fase bastante adiantada. E Pe. Maurício começou a contagiá-los com a paixão pela cidade onde viveu, pregou e lutou durante nove anos seguidos. Contou que, em janeiro, viajaria para a Bahia para cumprir uma promessa: celebrar, no ano do jubileu, a missa pelo dia do padroeiro, São Sebastião. Palavra de padre. Só que ele não voltou sozinho.

Começava, então, em janeiro deste ano, o Projeto Social Cocos, que já resultou em outra viagem, no mês de julho, e em uma terceira, agendada para janeiro próximo.

Quando se viram numa realidade tão diferente da de uma cidade como o Rio, perceberam que havia muito a ser feito e muito o que aprender. Foram dez dias de estada num dos maiores municípios baianos — cerca de 18 mil habitantes —, convivendo com um mundo que eles nem sabiam existir. É um outro tempo: “Eu vi Cocos como a realidade de um tempo que demora para ser desenvolvido. São pessoas com a religiosidade e um lado humano que a cidade grande perdeu”, define Ze Du. Outras carências: “Aqui, a gente não consegue ler um livro. Lá, eles têm tempo, mas não têm material”, conta Rosa. Outros parâmetros: “No sertão baiano, o sujeito é rico porque tem televisão”, exemplifica Noêmia. Outras expectativas: “A diferença é que aqui você só pode ir até um ponto, e isso é muito frustrante”, conclui Lauro.



E o que o São Vicente tinha para oferecer àquelas pessoas?

Com uma campanha feita no Colégio, foram arrecadadas quase duas toneladas de material, que foi doado à população local. Além dos livros, que ajudaram a montar bibliotecas nas escolas da região, eles recolheram alimentos e retalhos, que as mulheres usam para fazer bolsas.

Mais do que regar a semente de evangelização que Pe. Maurício havia plantado, o grupo fez um trabalho de aperfeiçoamento com os professores locais e de conscientização com jovens.

Reunindo 249 professores locais, eles trabalharam a elaboração de um projeto pedagógico. Avaliaram o que foi feito e pesquisaram sobre o que deveriam levar da próxima vez. Mas falar de escola e professor em Cocos requer algum esclarecimento. Qualquer instalação pode funcionar como sala de aula e os educadores não têm terceiro grau. E essa é mais uma luta da região: eles estão reivindicando um curso superior de pedagogia.

O projeto do grupo é avançar nessas iniciativas, levando, da próxima vez, professores especialistas em português, matemática e ciências.

OS EM AÇÃO



O aprendizado

A província vicentina acabou com sua base em Côcos em 1995. Pe. Maurício foi um dos últimos a deixar a missão, vindo para o Rio, administrar o Colégio São Vicente. Apesar dos problemas, ele viu que o trabalho valeu à pena. “É um povo que aprendeu a ser igreja. Não depende mais da presença do vigário. É um povo de fé”, define. Hoje, a “liderança religiosa” da região está a cargo de quatro irmãs franciscanas, que dão total apoio ao trabalho dessa turma missionária.

Côcos tem a peculiaridade de ser um daqueles projetos sociais em que todo mundo sai ganhando. A população vem recebendo ajuda em diversas áreas, mas o entusiasmo da equipe é difícil até de ser medido: “Na verdade, fomos premiados. Côcos deu a cada um de nós um toque sobre quanta coisa temos e não damos valor”, opina Gilberto. Noemia contextualiza: “Aqui a gente rema contra a maré e acaba perdendo os ideais de vista. Côcos cobriu esse espaço de operacionalização daquilo que, na verdade, é a proposta do Colégio São Vicente”. Mas é Edna quem resume: “Além de ajudar aquelas pessoas, o mais importante foi saber que é possível concretizar tudo aquilo em que eu acredito: que, através da justiça e da solidariedade, a gente pode mudar o mundo”.

Quem quiser contribuir para esse trabalho pode doar retalhos, linha de costura e bordado, embalagens de plástico ou papel laminado e livros. O contato deve ser feito com Gilberto, do audiovisual ou Edna, da equipe do Grauninha. ■

Ana Beatriz de Noronha
Cátia Guimarães
Fotos: Lauro Basile

PAIS E ESCOLA



“Família e Escola são parceiras no processo de educar, cada uma delas com suas responsabilidades próprias”. Essa frase está no Projeto Pedagógico do São Vicente, na parte em que fala sobre a Associação de Pais e Mestres.

A parceria de que trata o projeto pode e deve se dar das mais diversas maneiras. Presença em reuniões, colaboração nas feiras, contato com o dia-a-dia do aluno e da escola. O importante é participar.

Para mostrar como esse pacto vem funcionando, alguns pais e mães de alunos vieram compartilhar suas experiências pessoais no papel de pais educadores. Marcos Sá de Araújo e Hilda Farias, Maria de Fátima Tardin Costa e Glaucio e Eliane Binder refletem, neste espaço, sobre o acordo que escola e família selam em nome da formação de seus filhos.

A importância do intercâmbio

(Hilda Farias e Marcos Sá de Araújo)

É muito bom ver nossas crianças crescendo e descobrindo o mundo que as cerca e nós, pais e educadores, somos os principais responsáveis por todas as informações e experiências que lhes são oferecidas nesta primeira fase de suas vidas.

É primordial que tenhamos a mesma linguagem e a mesma direção e, para isso, necessitamos estar integrados e participar de todo o processo educacional desenvolvido pela escola.

Ao abrimos as portas de nossa fábrica de pães e doces aos pequeninos, tivemos oportunidade de participar e contribuir com novas práticas e, principalmente, conviver com as crianças e presenciar sua alegria ao ver a transformação da matéria-prima, ao saber de sua origem, sua história, ao criar e saborear os seus feitos.

Foi realmente uma experiência fantástica, sugerida pelo Colégio, e que, temos certeza, acrescentou muito às crianças — que aprenderam sobre qualidade, higiene, trabalho em equipe, etc —, a nós, pais, e até mesmo aos funcionários que participaram deste intercâmbio de informações.

Quero parabenizar o Colégio São Vicente de Paulo, que busca sempre alternativas para o ensino curricular e agradecer a oportunidade que tivemos de participar deste processo e criar um elo de amizade, amor e responsabilidade junto à escola e para com os nossos homens e mulheres de amanhã.

Diálogo aberto

(Maria de Fátima Tardin Costa, com a colaboração de: Vanilsa de Oliveira, Candida Maria Zonis, Marcia Aucar França e Ana Gouveia de Miranda)

Quando recebi a solicitação para escrever um artigo para a revista a “chama”, sobre Parceria Pais – Escola, propus que o trabalho fosse feito de forma coletiva com os outros pais convidados. Como não foi possível, contatei alguns pais com quem tenho oportunidade de, no cotidiano, trocar idéias sobre o projeto pedagógico do Colégio São Vicente de Paulo. Dessa forma, este texto é resultado do exercício de uma parceria entre esses pais, a partir da discussão e reflexão do tema.

Consideramos parceria Pais - Escola como a incorporação do diálogo aberto, da troca e da interação entre os diversos saberes da comunidade escolar (pais, alunos, professores, coordenação e direção) na construção de um projeto pedagógico que garanta uma boa qualidade de ensino.

DE MÃOS DADAS



*“Família e Escola
são parceiras no
processo de educar,
cada uma delas
com suas
responsabilidades
próprias”*

FOTOS:
À ESQUERDA, ACIMA: HILDA FARIAS, MARCOS
SÁ DE ARAÚJO E LUCAS.
À ESQUERDA, ABAIXO: MARIA DE FÁTIMA
TARDIN COSTA E CRISTIANO.
ABAIXO: GLAUCIO E ELIANE BINDER



Uma parceria produz os efeitos desejados e alcança o objetivo comum quando é feita de forma horizontal e veiculando saber e poder. De outra forma, corre-se o risco de cair no equívoco de concepção, tão criticado por todos nós: os pais exigem resultados porque pagam pelo serviço e a escola se diz dona do saber pedagógico e não absorve as críticas. O saber de cada um, através de uma escuta não viciada e de uma estrutura desverticalizada de poder, deve construir uma proposta comum que vai alcançar o objetivo de melhorar a qualidade de ensino. Como possibilidades de construção de uma parceria apontamos: incorporação de métodos e técnicas que valorizem a fala, não apenas para assuntos ligados à escola, de toda a comunidade escolar, onde a participação efetiva dessa comunidade seja fator integrador e potencializador de todas as ações a serem implementadas; reuniões regulares de pais e alunos com os professores para discussão e avaliação do projeto pedagógico, por disciplina; definição, com a comunidade escolar, da pauta das reuniões de coordenação com os pais. A possibilidade de escrever este artigo também é um exercício dessa parceria e, portanto, gostaríamos de agradecer a oportunidade desse espaço.

Apesar do pouco tempo
(Glaucio e Eliane Binder)

Eu fui presidente do grêmio do meu colégio, o São José, talvez isto explique a minha paixão pela vida na escola. Mas, de qualquer forma, eu, efetivamente, acredito que uma parte importante da personalidade de um indivíduo se estabelece neste período. Sendo assim, como grande parte da vida de um adolescente é dividida entre a casa e a escola, um bom entrosamento de estilos entre a vida familiar e a escolar é fundamental para uma formação coerente de caráter (de preferência algum caráter. Aliás, um bom caráter).

Eu faço tudo para participar da vida escolar de meus filhos. Por um pouco de desejo de participar do mundo deles e pelas minhas convicções sobre a importância do mundo escolar. Não consigo esta participação na medida em que eu desejaria — a vida atribulada não permite. Mas, de alguma forma, tento sempre participar.

O São Vicente é um colégio que estimula esta participação. Com certeza esta foi a principal razão que me levou a escolher esta escola. E, até agora, dez anos depois de meu primeiro filho ingressar no São Vicente não estou nem um pouco arrependido desta decisão. Eu só gostaria de poder participar mais.

É claro que o mundo de um adolescente é um pouco fechado para seus pais. Nós, aqui de casa, também tentamos preservar o direito de nossos filhos terem alguma privacidade (mas bem que nós gostaríamos de ter uma “janelinha” permanente voltada para a vida deles). Esta intenção também inibe um pouco uma participação maior, na medida em que isto pode significar um certo intrometimento na vida e na individualidade deles.

É muito difícil saber qual o ponto exato entre participar e ser intrometido. E nesta linha ténue vamos caminhando. Também não nos desgastamos exageradamente em saber se estamos pendendo para um lado ou para o outro, pelo simples fato de que os amamos muito. E, tenho certeza, o amor conduz as decisões sempre para o melhor caminho. ■

Ana Beatriz de Noronha
Cátia Guimarães

COMPROMISSO

“E ducar para a transformação social”. O que está por trás da frase que se tornou emblema do São Vicente? Por trás talvez não seja a localização correta. Na verdade, em torno de toda a filosofia pedagógica do Colégio aparece, ora camuflada, ora com mais clareza, a idéia de cidadania.

Num mundo eminentemente tecnológico, em que as coisas são passageiras e as pessoas têm cada dia menos tempo para a reflexão, como é possível criar cidadãos?

É exatamente para balancear essa confusão do mundo atual que muita gente anda gritando a necessidade de uma formação mais crítica e humana. E isso já virou diretriz nacional.

Num documento chamado “livro verde”, que vem sendo elaborado pelo “Programa Sociedade da Informação no Brasil”, capitaneado pelo governo federal, complementando a ênfase dada às novas tecnologias, o texto é claro: “Formar o cidadão não significa ‘preparar o consumidor’. Significa capacitar as pessoas para a tomada de decisões e para a escolha informada acerca de todos os aspectos na vida em sociedade que as afetam, o que exige acesso à informação e ao conhecimento e capacidade de processá-los judiciosamente, sem se deixar levar cegamente pelo poder econômico ou político”.

Dos pequenos aos adultos, em toda a sua trajetória, o São Vicente vem fazendo a sua parte.

Começando de baixo

Os alunos do Ensino Fundamental do Colégio ainda estão longe de poder tirar o título de eleitor, mas todos já sabem o que significa participar de um processo democrático para escolha de representantes.

Precocidade? Não, isso se explica: é que cidadania, no São Vicente, não é só coisa de gente grande. Pelo contrário. Seguindo a filosofia do Colégio, de educar para a transformação social, a ordem é formar pequenos grandes cidadãos.

Uma das melhores oportunidades que essa turminha tem para exercitar essa tal de cidadania são as eleições para o minigrêmio. Os alunos são convidados a formar chapas, com quatro integrantes cada uma, para concorrerem à diretoria. A função dos vencedores é, como acontece em qualquer eleição, defender os interesses daqueles que eles representam. Portanto, na hora da disputa, é importante que criem uma plataforma de governo capaz de resumir os interesses do seu eleitorado.

Os candidatos são orientados pelas professoras a não prometerem coisas que não podem cumprir. Ainda assim, as promessas eleitorais formam uma lista capaz de fazer qualquer adulto morrer de rir... e se encher de orgulho.

Nas eleições deste ano, venceu a chapa “Do milênio”, que disputou com outras duas: a “Mania” e a “Super SVP”. Num universo de mais de 450 alunos, houve apenas nove votos nulos, quatro brancos e 21 abstenções.

Na plataforma da campeã, as 25 propostas demonstram preocupação com as mais diferentes áreas. Exemplos? Aí vão alguns: “Solicitar um novo parquinho”; “Colocar relógios digitais em cada uma das salas”; “Comprar mais remédios para a enfermaria”; “Deixar os alunos subirem até o laboratório de elevador” e; “Liberar a bola assim que o primeiro aluno descer para o recreio”. Pode parecer brincadeira, mas não é.



Com o programa de governo, é iniciada uma verdadeira campanha, que acaba, obrigatoriamente, no dia anterior à eleição. Todo o processo que se segue, da votação à cerimônia de posse, acontece com a maior organização e seriedade possíveis (ver box). São os pequenos dando exemplo para os mais velhos.

E se exercem muito bem o papel de eleitores, esses pequenos cidadãos também não deixam nada a desejar na função de legisladores. Quem acha que criança não gosta de regras vai se surpreender ao entrar em algumas das salas ocupadas pelo ensino fundamental. Afixadas na cortiça ao lado do quadro negro, elas estão lá, umas mais enfeitadas, outras menos, mas todas muito claras: são as regras próprias daquela turma. Regime de quartel? Não, longe disso. As leis são discutidas e formuladas pelos alunos, junto com a professora. Do consenso, nasce um código de comportamento específico para as necessidades daquele grupo.

Na turma 12, do 1º ano, os alunos concordaram que não devem falar mentira. Na 24, precisam “ser educados, pacientes e verdadeiros”. Na 32, orienta-se para que eles sentem encostados na cadeira, com as pernas para baixo da mesa. As diferenças são típicas de uma verdadeira democracia, mas existem preocupações que são unanimidade. Levantar o dedo e esperar a vez para falar, por exemplo, é norma em todas as turmas. E lei é lei.

COM A CIDADANIA



Formas de organização

Trabalhar a idéia de cidadania no São Vicente significa pensar sempre na possibilidade de transformar e intervir na realidade. Para continuar no exemplo dos grêmios, pode-se dizer que os ativistas vicentinos andam fazendo escola pela cidade.

Em 1998, o Grêmio do Colégio se empenhou numa missão extramuros, convidando grêmios estudantis de outras escolas para se reunirem e discutirem a questão da educação.

Naquele momento, começava a ser implantada a nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e o tema da Campanha da Fraternidade era "Fraternidade e Educação". Mais de 40 colégios aceitaram a proposta. Surgiu, daí, o "Encontro Intercolegial de Grêmios", que sobrevive, firme e forte, até hoje.

Dessa iniciativa, originou-se também o "Grupo Escolário", que reúne diretores e coordenadores pedagógicos para tratar da educação a partir da LDB.

Atualmente, esse grande grupo de jovens cidadãos está ampliando o campo de discussão e começando a questionar a experiência de ações sociais das escolas.

Num tempo em que as instituições políticas formais estão cada vez mais enfraquecidas, a cooperação mútua aparece como saída para a maior parte dos problemas, pessoais e coletivos.

É nesse contexto que inúmeros grêmios começam a discutir a ampliação de seu próprio papel. Da boa e velha política estudantil, eles estão partindo para as questões sociais, com o intuito de formar uma grande rede de solidariedade. Quer mais cidadania do que isso?

Alcançando os maiores

Formar cidadãos é uma proposta que o Colégio mantém viva em todas as séries e idades. É verdade que os pequenos dão bons exemplos, mas os maiores não ficam para trás.

Para ficar no exemplo das eleições, uma das atividades da "Semana Cultural" do São Vicente, organizada pelo Grêmio do Ensino Médio, foi a vinda, ao Colégio, de alguns candidatos a prefeito e vereador do Rio. Como hoje em dia os jovens já podem votar aos 16 anos, percebeu-se a necessidade de não deixar os alunos do São Vicente votarem no escuro.

Os convidados foram escolhidos pelos próprios alunos. Benedita, Alfredo Sirkis, Ciro Garcia e Cesar Maia apresentaram suas propostas para a prefeitura da cidade e enfrentaram uma platéia cheia de perguntas e cobranças. No debate pelo legislativo, vieram Bid, André e Lucia Souto.

E os jovens eleitores não pouparam os convidados. Benedita foi muito questionada sobre sua atual relação com o PT (Partido dos Trabalhadores). César Maia foi bombardeado com questionamentos, por exemplo, sobre a infidelidade partidária que marcou sua carreira política e suas ações em relação aos camelôs.



Cidadania plena

Enfraquecidas sim, mas não mortas. É certo que vive-se um tempo de indefinição quanto ao papel das instituições sociais, o que faz com que o conceito de cidadania precise ser um pouco ampliado. Mas nada disso apaga os espaços reconhecidos como de representação social.

As experiências desse campo vividas dentro da escola funcionam como testes e preparatórios para a vida em sociedade. José Augusto Carneiro, de 30 anos, cursou o então 2º grau no São Vicente. Hoje, 13 anos depois de ter se despedido da escola, ele escreveu ao Colégio: "Nas últimas eleições, fui eleito vereador numa cidade do estado de Goiás. Tenho a certeza de que a educação que recebi no CSVP contribuiu para a formação de mais um 'agente de transformação social', como dizia Pe. Almeida. Sou verdadeiramente grato a esse colégio".

Fechou-se o ciclo. O futuro do Brasil tem garantido novos cidadãos. ■

Ana Beatriz de Noronha
Cátia Guimarães



CIDADANIA E CONHECIMENTO

A idéia de cidadania começou a ser construída na Grécia antiga, e se firmou no mundo ocidental no quadro da modernidade européia do século XVIII, com a formação dos estados nacionais e a expansão política, econômica e científica. As noções de direitos e deveres de indivíduos convivendo socialmente no espaço público foram elaboradas à medida da tomada de consciência sobre o papel dos sujeitos no destino da sociedade na qual convivem, conflitam, aprendem. Junto com a idéia e a prática da cidadania, elaboram-se também as de estado, nação, povo, território, sociedade, racionalidade. Os direitos e deveres dos cidadãos são pautados na figura do estado, e sua formulação corresponde a diferentes fases de desenvolvimento do capitalismo. Os "direitos civis" dizem respeito ao direito de se dispor do próprio corpo, de locomoção, de segurança. Os "direitos políticos" relacionam-se à convivência dos agentes sociais em organismos de representação direta (os sindicatos, partidos, escolas, conselhos, associações, movimentos sociais, etc.) ou indireta (eleição de governantes, parlamento, assembleias). É onde se organiza a resistência à imposição dos poderes, por meio de diferentes instrumentos, como as greves, pressões populares, movimentos sociais. O terceiro grupo de direitos remete ao atendimento das necessidades humanas básicas para reposição da força de trabalho - alimentação, habitação, saneamento, saúde, educação, dentre outras: os "direitos sociais". Nenhum desses direitos foi doado, mas todos foram e continuam sendo arduamente conquistados, sobretudo em países como o Brasil, cujo desenvolvimento político, econômico e social sempre esteve pautado na partilha desigual dos bens materiais e simbólicos produzidos pelo esforço de todos os membros da sociedade.

Um pressuposto básico da cidadania é de que os sujeitos devam agir e lutar por seus direitos. Para esse fim, são necessárias duas condições: a abertura de espaços na escola, no ambiente do trabalho, nas associações, na família, nas agremiações, etc. Como também é preciso estender o conhecimento a todos, para que adquiram os instrumentos de elaboração de suas visões de mundo próprias e/ou coletivas a respeito dos seus contextos de vida, e assim organizar suas reivindicações.

No momento mais recente, das chamadas "sociedades da informação", ser cidadão implica, cada vez mais, desenvolver certas capacidades e competências para o convívio social, o trabalho, as relações com o estado e com o mercado. Se o conhecimento é a base das sociedades atuais - como aliás sempre ocorreu no mundo ocidental - elas são também produtoras e consumidoras de informações que se descartam e se reciclam no ritmo das inovações tecnológicas, tanto quanto de formas de comunicação e de aprendizagem individualizadas e distanciadas. Onde os espaços de convívio, de exercício da cidadania, de formas compartilhadas de conhecimento, nesse novo contexto?

É papel da escola, espaço de aquisição dos instrumentos básicos para selecionar, filtrar e interpretar as informações, contribuir para a criação de novos elos entre a cidadania e o conhecimento.

Regina Maria Marteleto
Pesquisadora do Instituto Brasileiro de
Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT/CNPq



MINIGRÊMIO – LIÇÃO DE CIDADANIA

A vida prova para educar e a escola educa para depois provar. Antes assim! Ao propiciar situações de vida, na escola exercitamos mil e uma estratégias para saber como viver melhor. A escola, ao ensinar a oportunidade de escolher, participar, usufruir de direitos e cumprir esses deveres, inicia os alunos no campo da cidadania. Ao refletir sobre suas atitudes, os alunos debatem, dialogam, são estimulados a visualizar criticamente, a verbalizar com ponderação, a aceitar seus erros, a lutar pelo que acreditam, questionando sempre!

Nas 3ª e 4ª séries do Ensino Fundamental, após algumas semanas de convívio, os alunos, depois de se conhecerem melhor, são convidados pela orientadora educacional a refletirem sobre critérios imprescindíveis para a eleição do representante da turma. Na maioria das vezes, a participação revela maturidade, pois as crianças sabem perfeitamente quem e o que desejam.

Após eleições secretas, o mais votado se torna o representante. O segundo mais votado passa a ser o vice-representante. Ambos participam da “primeira reunião de representantes” e, de comum acordo, convidam um aluno que seja responsável, freqüente, estudioso, pontual e, sobretudo, muito respeitado pela turma para fazer parte do Tribunal Eleitoral. Eles, em reunião com os representantes, falam das suas preferências, gostos, da família, da escola (só não podem dizer para quem torcem, senão...). Todos os membros do Tribunal e os representantes de turma, após a apresentação, elegem o Presidente do Tribunal Eleitoral.

O próximo passo é propor às turmas que formem chapas para concorrer à Diretoria do Minigrêmio do ano em curso. Todos os interessados são convidados com os representantes, vice-representantes e Tribunal Eleitoral a conhecer os passos que deverão palmilhar para registrar sua chapa. A partir do registro, a campanha eleitoral é deflagrada.

Todos os participantes das chapas são estimulados a usar a rádio do Colégio durante os recreios, a espalhar cartazes (que devem ser apresentados com antecedência para que sejam avaliados quanto a sua aparência e correção), a visitar todas as turmas, falando de seus propósitos. As professoras estão atentas para estimular os “miúdos” a questionarem o que não atenderam ou o que lhes pareça duvidoso ou impossível de ser realizado.

A campanha vai até um dia antes da eleição quando, respeitosamente, os membros do Tribunal Eleitoral retiram os cartazes. O dia que se segue é chamado de “Dia do silêncio”.

As eleições acontecem no auditório. As cédulas são rubricadas pelo presidente do Tribunal Eleitoral. Os demais membros do Tribunal ajudam, orientam e fiscalizam a votação. Antes de votar, os eleitores são orientados para não votar em branco, pois perderiam o direito de se manifestar. São lembrados também para não rabiscar ou rasurar as cédulas, pois isto levaria seu voto a ser considerado nulo.

A mágica acontece: a cédula vira voto e é colocada na urna. Para confirmar seu voto e garantir a precisão da contagem, assinam seu nome na lista da turma, que é afixada no livro de atas.

Todo este processo é realizado num clima de silêncio e respeito. Não imitamos os adultos, aprendemos o que se deve ou não fazer. Boca de urna jamais! Depois da apuração, da qual participam representantes das chapas, o resultado é dado a conhecer.

Na posse da nova diretoria, representantes, vice-representantes e Tribunal Eleitoral recebem professores, coordenadores e o diretor do Colégio. A cerimônia é conduzida pelo presidente do Tribunal. Dela fazem parte flores, fotos, hino nacional, hino do colégio, os diferentes discursos e a colocação da faixa presidencial, pelo diretor, no aluno que, na chapa vencedora, se candidatou à presidência. É uma festa bonita onde o último recado é: poder é para servir!

Marlene Bluhm

Coordenadora pedagógica do
Ensino Fundamental do CSVP





Todos os dias, quando bate o sinal para recreio, os alunos do São Vicente descem as escadas e correm para a cantina.

“Ó Alemão, me dá um pirulito!”
 “Alemãooo, me vê um bombom!”
 “Alemão, posso ficar te devendo um centavo?” “Alemão... aqui, por favooooo.”

Em meio a tanta pressa e gritaria, cercada de balas por todos os lados, destaca-se a figura tímida, paciente e atenciosa do tão falado Alemão, que, por sinal, não se chama Hanz, Fritz ou Klaus e não nasceu em Berlim, Hamburgo ou Munique.

O grande mistério

Ele é uma das pessoas mais conhecidas e queridas do Colégio, onde trabalha desde 1987, mas são poucos os que conhecem seu verdadeiro nome: Aluísio Xavier.

O famoso apelido surgiu em 1988, quando uma aluna o chamou de Alemão pela primeira vez. Ele não se incomodou e a moda acabou pegando. Mas por que Alemão? A resposta é bem simples: porque ele se parece com um.

Em família

Nascido em Duque de Caxias, no dia 6 de março de 1970, Aluísio é o quinto dos nove filhos que tiveram seu Atacílio e dona Evalnir.

Time de futebol? Não tem. Jogar bola? Nunca. Suas brincadeiras eram em casa, com os irmãos que ajudou a criar e a defender, quando preciso. Quando moleque, chegou a brigar na escola, por causa de uma das irmãs.

Sempre muito sério e responsável, trabalha desde os 12 anos e aos poucos foi se tornando o “braço direito da família”, como diz o irmão Isaías, que também trabalha na cantina.

Isaías ou Alemãozinho, como é conhecido, se orgulha do apelido que herdou e não faz por menos: “Apesar de ser teimoso, ele é muito sincero e amigo. É um irmão excepcional”.

Há pouco mais de três anos, depois de dois anos de namoro, Aluísio se casou com Carla e foi morar em Piabetá. Um sujeito calmo, como ele mesmo se define, quando não está trabalhando, fica em casa descansando.

E por falar em casa... Seu grande sonho é poder construir uma. O terreno ele já tem e o material, vem comprando aos poucos.

Para completar sua felicidade, a vontade era um casal de filhos. A realidade, no entanto, faz ele se perguntar se, hoje em dia, não seria mais prudente ter um filho só.

Na escola

Com tantas responsabilidades em casa, não foi fácil para o menino Aluísio continuar seus estudos e, com 16 anos, ele abandonou a escola.

Depois de “viver de bico” por seis meses, acabou vindo trabalhar para o seu tio Anísio, que é o dono da cantina do São Vicente. No primeiro ano, foi só trabalho. Mas depois ele se animou e resolveu terminar o 1º grau no supletivo do Colégio.

Nessa época, os dias eram longos. Ele trabalhava o dia inteiro, fechava a cantina e, só então, ia assistir à aula.

Sobre o aluno Alemão, quem fala é Maria Concetta, sua professora de matemática, na 5ª e na 6ª séries: “Ele era muito presente e sério, dono de um caráter marcante. Seu maior defeito foi ter se acomodado nos estudos. Acho uma pena ele ter parado de estudar”.

E o próprio Alemão se lamenta por isso. “Eu gostaria de ser professor de matemática, mas agora não dá mais”.

UM DOCE ALEMÃO

No trabalho

Não deu para o menino que sempre gostou de números e contas se tornar um professor, mas dá gosto ver a satisfação e a dedicação com as quais ele desempenha sua função. Vender balas é sua especialidade. E foi vendendo balas que ele conquistou o respeito, o carinho e a amizade de todos.

Nas palavras de Débora de Souza, do 3º B, que estuda no São Vicente há 11 anos, a opinião que é unanimidade entre alunos, professores e funcionários: “O Alemão é muito simpático e está sempre de bom humor”.

Mas se os fregueses gostam muito dele, também têm uma reclamação: na hora do tumulto, ele sempre acaba se enrolando. A queixa, no entanto, vem sempre acompanhada de um elogio. “Às vezes, ele não consegue atender a todos como deveria e se atrapalha um pouco, mas está sempre tentando agradar aos clientes”, fala Thiago Nascimento da T. 73, há sete anos no Colégio.



"Se teus projetos têm prazo de um ano, semeia trigo.
 Se teus projetos têm prazo de dez anos, planta árvores frutíferas.
 Se teus projetos têm prazo de um século, então educa o povo.
 Porque, semeando trigo, terás uma colheita;
 plantando árvores frutíferas, obterás cem colheitas.
 Mas, educando o povo, colherás mais de cem vezes.
 Se deres um peixe a uma pessoa, ela comerá uma vez.
 Se ensinares a pescar, ela comerá a vida inteira..."

(Kuan Tseu, poeta chinês do séc. VII)

Aos queridos concluintes do 1º grau Supletivo, os melhores votos de um futuro promissor.

Da parte dos Educadores do Colégio São Vicente de Paulo.

24 Dezembro / 94

Conquistar as pessoas parece ser mesmo o forte desse brasileiro quase ariano. Waldiney, porteiro e inspetor do pátio, conhece Aluísio há pouco mais de dois anos, mas já o considera um grande amigo: "A gente está sempre se ajudando, quando é preciso. O Alemão é um guerreiro, um cara muito determinado e trabalhador".

Já a galera da cantina — Gilson, Pará e Messias — gosta mesmo é de implicar e morre de rir quando fala do companheiro. "Uma vez alguns alunos vieram entrevistá-lo sobre o Presidente da República e ele respondeu tudo sobre o prefeito", encarna Gilson. E a gargalhada é geral quando, do fundo do baú, eles tiram mais um segredo sobre o colega: o Alemão sempre dorme quando lê jornal.

Tímido, sincero, desligado, amigo, simpático, guerreiro, teimoso... Afinal, como defini-lo? A resposta, que está na boca do povo, é dada por Gilson: "O Alemão? Ora... o Alemão é o Alemão". ■

Ana Beatriz de Noronha
 Cátia Guimarães

Colaboraram:: Carol Vilela,
 Júlia Leal, Marina Rondinelli, Mitsue Aibe, Mônica N. de Souza e Sofia Saadi.





A PRATA DA CASA QUE VALE OURO

A fim de oferecer o melhor, muitas vezes procuramos fora, sem olhar em volta. É aí que importamos a “grife”, a fama, a novidade...

Maria de Lourdes Trindade, nossa professora de geografia, numa oficina no RioCentro, seduziu professores, fazendo-os ver mapas com outros olhos. Célia, professora da turma 22, veio encantada para o Colégio, provocando Deus e o mundo. E... conseguiu. Especialmente nas professoras de 1ª e 2ª séries do EF, Lourdes produziu o mesmo encanto. Fez com que dedos passeassem pelos mapas e sons de espanto e regozijo ecoassem pela sala.

Coisa parecida aconteceu quando Maria Eugênia, professora de inglês, esbanjou conhecimento e, com simplicidade e firmeza, doando sua pesquisa, presenteou-nos com seu saber sobre “Psicanálise dos contos de fada”. Sempre recordando que a cada dia aprendemos alguma coisa, alguém disse: “Sabe que eu já repeti muitas vezes cada um desses contos e nunca percebi essas nuances?!. De hoje em diante, minhas histórias terão outro brilho”.

Esse é o brilho de ouro, da prata da casa. ■ (Marlene Bluhm)

DIRETO DE SYDNEY PARA O SÃO VICENTE

As Olimpíadas do São Vicente não ficaram a dever absolutamente nada às competições de Sydney. E aqui, para os alunos das 1ª e 2ª séries do EF, uma das “provas”, baseada no estudo dos símbolos, era criar um mascote.

O trabalho, orientado pela professora Celia Maria Meyer, começou com as crianças assistindo, no auditório, à apresentação dos mascotes de Sydney, de onde partiram para pesquisar os de outros jogos olímpicos. No fim dessa etapa, cada turma criou um desenho para concorrer ao título de mascote “oficial” das Olimpíadas do Colégio.

Com direito a eleição entre as turmas, o vencedor foi “Olivence”, que concorria pela turma 22. Criado por Rodolfo, Lucas, Heitor e Marcelo, o campeão concorreu com outros seis candidatos e foi democraticamente escolhido pela turma. ■

RELEITURAS ARTÍSTICAS

A turma da 5ª série do EF viveu seus 15 minutos de fama. Sob orientação da professora de Artes Débora Montano, os alunos fizeram um inspirado trabalho de releitura da obra de três grandes pintores brasileiros: Almeida Junior, pintor do final do século XIX, Tarsila do Amaral, personagem fundamental do movimento modernista de 1922 e Anna Geiger, pintora contemporânea que apresenta linguagens experimentais.

O resultado foi um trabalho cultural, que descobriu e expôs novos talentos. E agora já está lançado: os grandes nomes da arte brasileira que se cuidem porque a supervanguarda do São Vicente anda prometendo. ■

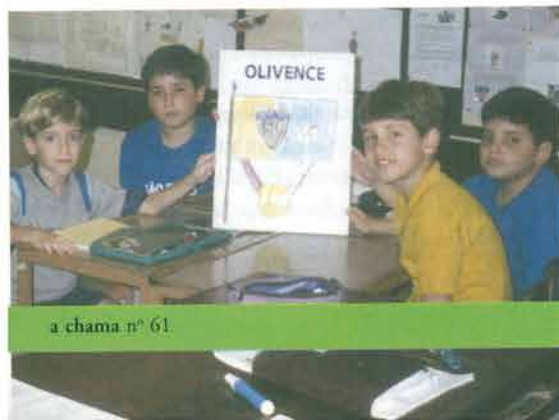
COMUNICAÇÃO EM ALTA

Parece que a imprensa não larga mesmo o São Vicente. Com o objetivo de “compartilhar com um grupo maior suas idéias”, como diz o “editorial” do primeiro número, uma equipe de sete mini-répórteres das turmas 43 e 44 resolveram lançar o jornal “Faisca” — nome que já batizou um jornal editado pelo grêmio dos pequenos.

Na estréia do mais novo jornalzinho do Colégio, Gabriel Gouvêa, Luiza Campos, Lucas França, Cecília Leite, Raiza Saad, Clara Rescala e Júlia Ribeiro convidam os leitores a participar desse projeto ambicioso — o jornal é mensal — e avisam a que vieram: “Nosso jornal contribuirá cada vez mais para ampliar a comunicação no São Vicente”.

“Faisca” fala sobre o que se passa dentro e fora dos muros da escola. Na primeira edição, saída do forno no mês de setembro, a menina noticiou a campanha do Grauninha, escreveu uma pequena reportagem sobre problemas envolvendo a cantina do Colégio e montou uma programação cultural, além de apresentar uma seção chamada “O que está acontecendo”, que inclui a escola, a cidade e o mundo.

Quem quiser colaborar, é só entrar em contato com Gabriel ou Luiza, da turma 44. ■



O NOME DELES É TRABALHO

Alguns ainda nem têm idade para saber se a velha máxima de que o trabalho enobrece o homem é verdadeira, mas não pensaram duas vezes na hora de pôr a mão na massa.

Era uma manhã de sábado, dia 10 de junho, e o São Vicente aproveitou o início do fim de semana para falar um pouquinho sobre “Trabalho, Cidadania e Consumo”, temas do segundo evento do projeto “Vida viva”.

O roteiro para os visitantes era o mais eclético possível. Para quem não esteve por lá, vale à pena fazer um passeio por esse ambiente que misturou trabalho e lazer.

Trabalhando a sala de aula

Depois das barraquinhas típicas das feiras do Colégio, o visitante “freguês” encontrava, na sala de exposições, o trabalho “Um olhar sobre a cidade”. Elaborado pelo 1º ano do EM, com a professora Maria de Lourdes, de geografia, ele apresentava, através de fotografias, aspectos da urbanização do Rio, como o trânsito, o comércio e a verticalização.

E isso foi só o começo. Espalhados por todos os espaços, alunos mostravam trabalhos que desenvolveram. Esperta, a turma 34, por exemplo, investiu em brincadeira, montando o “jogo do trabalho”, sucesso entre pais e filhos.

No papel de cientistas, as alunas Letícia Pumar, Laida Cruz, Luana França e Mitsue Aibe, da 2º ano do EM, montaram painéis com os resultados das pesquisas que desenvolveram durante o “Programa de Vocação Científica”, na Fiocruz.

Mas teve mais 2º ano na feira. Orientados pela professora Inah Brider, de química, alunos expuseram o “Projeto Reagindo”, sobre a questão das águas no planeta, com enfoque especial à poluição da Baía de Guanabara.

Inserido num trabalho que o professor José Carlos vem desenvolvendo ao longo do ano, as turmas da 7ª série se reuniram para refletir sobre a fome e a cidadania no Brasil, a partir de uma perspectiva histórica. Sob a coordenação da professora Patrícia Brito, num lado da sala, um grupo encenava “O Brasil da colonização à escravidão”, enfocando a mistura de raças que compõe o país. No outro canto, um “apresentador de TV” mediava o debate entre um “empresário” e um “grupo de sem-terra”. O diálogo apontava para o problema da fome num país com tantos latifúndios improdutivos. O “empresário” alegava o direito à propriedade privada e os “sem-terra” justificavam as invasões sob o argumento de que o governo só respeita a elite. Entre frases feitas e gritos aborrecidos, tudo terminou na merecida paz de uma briga de mentirinha.

E quem circulava pelos corredores não podia deixar de observar uma turma que tomou ao pé da letra a proposta de pensar o trabalho. A professora Nanci Bezerra montou uma equipe para investigar o tema “trabalho infantil”. Armados de crachá e caneta, os “repórteres por um dia”, da 3ª série do EF, desempenharam o papel como gente grande, perguntando a opinião das pessoas sobre o trabalho infantil no Brasil e pedindo sugestões para a solução do problema. Quem tinha dúvidas sobre o assunto pôde esclarecê-las com Mariangela Bartha, socióloga e fonoaudióloga que há três anos faz parte do Conselho Tutelar da Zona Sul, um órgão de defesa da criança. Quanto ao trabalho infantil, muita gente opinou, mas talvez a melhor resposta para as perguntas da equipe de reportagem mirim tenha vindo um pouco mais tarde, no encerramento do evento. Mas isso fica para mais adiante.



Recebendo visitas

Se o assunto é trabalho, o São Vicente tem muita coisa para mostrar. Mas na Feira ficou claro que também tem muito a receber. E o Colégio abriu as portas para os expositores-visitantes. Foi nessa leva que diversas universidades aproveitaram a oportunidade para se apresentarem aos seus futuros alunos. Havia diversas instituições de ensino superior, particulares e públicas. A Universidade Estácio de Sá era a que mais chamava a atenção, animando a garotada e atormentando a vida dos mais adeptos ao silêncio. É que os alunos de Comunicação foram convidados a trazer a Rádio Estação, da universidade, para cobrir e movimentar a feira. A equipe, formada por três locutores, um operador de mesa e um programador musical, topava tudo. Além das mais variadas músicas, tocadas quase ininterruptamente, todos os *stands* podiam usar a rádio para fazer sua propaganda. O que mais? Os locutores botavam fogo: "Pode rolar até correio sentimental. Por que não?".

Dando uma aula sobre oceanografia, alunos da UERJ, integrantes do PRODIV – Projeto de divulgação de Oceanografia, também deram sua colaboração.

Seguindo o passeio, em uma das salas as Voluntárias da Caridade mostravam, na prática, o que quer dizer "produtividade na terceira idade". Com um bazar montado, elas vendiam os mais diversos produtos, todos feitos pelas senhoras do grupo.

E se tinha gente vendendo, não faltou gente ensinando a comprar. Sônia Carvalho, presidente da ONG Associação Pró-Consumidor, fez plantão numa das salas do Colégio para tirar dúvidas sobre os direitos e deveres do consumidor. Segundo ela, a escola é um lugar muito propício para esse tipo de orientação: "Estamos jogando as sementinhas, porque a base da cidadania é a educação".

Para fechar o ciclo, teve também quem ensinasse a não consumir certas coisas. O Instituto Nacional do Câncer montou acampamento no pátio para esclarecer as pessoas sobre os perigos do cigarro. Ilustrando as estatísticas,

estava a boneca Altina, que ganhou esse nome por ser filha do alcatrão com a nicotina. Posicionando os conhecimentos científicos em prol de uma verdadeira campanha anti-tabagista, Altina impressionou um bocado. Fumante inveterada, ela expunha um filtro — fazendo as vezes de pulmão — que ficava negro em poucos minutos, assim que ela acabava de fumar um único cigarro. Ajudando a dar o recado, a médica Tânia Cavalcanti tinha um discurso convincente: "Noventa por cento dos casos de câncer de pulmão são causados pelo tabagismo. Esse é o tipo de câncer que mais mata pessoas do sexo masculino e vem crescendo também entre as mulheres".

Quem saísse deprimido com a figura de Altina, imagem do prejuízo à saúde, podia se reconfortar com um grande exemplo de preocupação com a saúde do planeta. No *stand* da "Recicloteca", que é um centro de informações sobre reciclagem, o visitante deparava-se com bolsas, pratos e até bonés, tudo feito de lixo.

Mão na massa

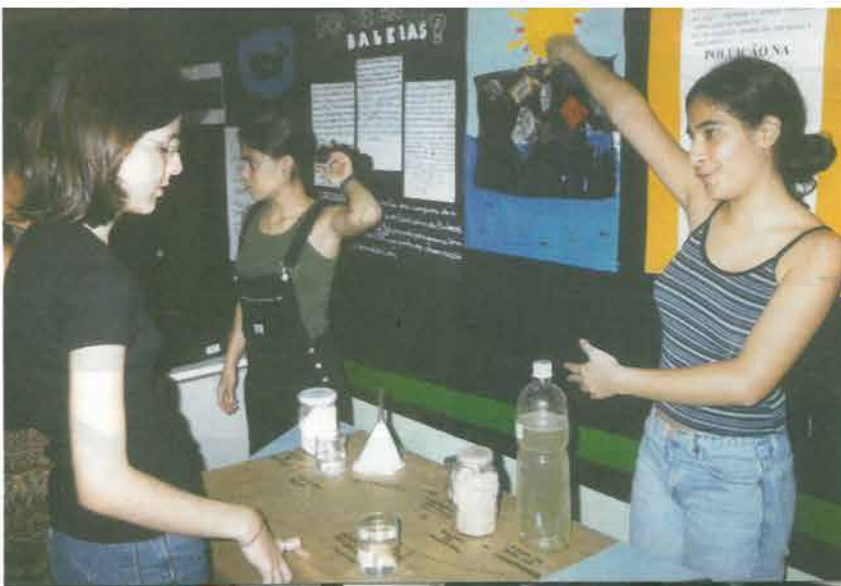
O público presente na Feira aprendeu muito sobre trabalho, mas também teve a oportunidade de colocar a mão na massa, através das oficinas oferecidas.

Cláudia Luna, mãe da aluna Carolina Luna, apresentou a "oficina de cadernos alternativos", que faz parte de um projeto de educação ambiental e desenvolvimento social. A técnica consiste na confecção de material de papelaria, com papel reutilizado. Mas o projeto vai mais longe: funcionando há sete anos na Gávea, ele procura criar redes solidárias entre as escolas de um mesmo bairro, ajudando a gerar renda para adolescentes.

E os admiradores do papel não ficaram só fazendo cadernos. Mergulhando numa antiga tradição, os visitantes assistiram a uma verdadeira aula, teórica e prática sobre o origami.

Em outras duas salas o que chamava atenção era o colorido das miçangas, encaixadas cuidadosamente para montar colares, pulseiras e outros tipos de bijouteria. Uma das oficinas foi dada por Sandra Vergara, mãe da





aluna Bianca Vergara. À frente da outra estava Ângela Aparecida Silva, aluna da turma 41 do supletivo, que domina uma arte surpreendente: ela faz bijouterias misturando continhas e — pasmem — folhas de revista.

Ainda que organizada de última hora, a oficina de móveis feitos com garrafas de PET foi um dos maiores sucessos da Feira. Sebastião Feijó, professor de ciências do município, criou o projeto há cerca de um ano, para uma exposição em praça pública, e veio ao São Vicente mostrar que, utilizando apenas garrafas vazias de refrigerante, é possível fazer um sofá em uma hora. Prometeu e fez. Não foi possível montar um sofá — porque não havia garrafas suficientes —, mas a garotada ficou satisfeita com um puf.

Depois de ver, ouvir e fazer tanta coisa, a melhor forma de valorizar o aprendizado era dar um pulinho na cozinha do Colégio. Olhando para a variedade de docinhos decorativos que a inspetora do pátio Mônica Alves ensinava a garotada a preparar, não restava a menor dúvida: aprender é uma das coisas mais deliciosas que existem. Ou bastava passar no Café Literário, organizado pelo professor Maurício Krause e a garotada da 1ª série do EM para tomar um “Machado de Assis” de desjejum. Existe forma melhor de ingerir cultura?

Fechando para balanço

A Feira durou só meio expediente, mas teve trabalho que não acabava mais. E para encerrar a jornada, abrindo as portas para um merecido descanso, o coral infantil do São Vicente, comandado pela professora Norma, apresentou um *show* de dar inveja a qualquer musical da *Broadway*. Depois da apresentação de várias peças, veio o “grand finale”. Numa composição dos próprios alunos, a turminha miúda fez um auditório lotado e animadíssimo cantar o refrão: “Criança não trabalha, criança dá trabalho”. Eta trabalho danado de bom. ■

Ana Beatriz de Noronha
Cátia Guimarães



No dia 16 de setembro, mais uma vez o Colégio abriu as portas ao público. Depois das Feiras da Saúde e do Trabalho, foi a vez da Feira da Comunicação e da Linguagem, terceiro evento do Projeto “Vida Viva”.

Oficinas, palestras, exposições e diversas outras atividades mostravam que a comunicação se faz de muitas maneiras e que é enorme a quantidade de códigos que as pessoas usam para se comunicar.

Com a palavra, o Nordeste

“Meu caro leitor, me preste atenção, que eu vou lhe contar a minha versão do antigo romance de Pedro Alemão”. A voz de Thomas Bakk, autor de Literatura de Cordel, soava forte e a platéia ouvia atenta e silenciosamente a história. Mas ouvir não era o bastante e, na oficina “Criando e ilustrando cordel”, organizada pelas professoras Cacau, Maria Lúcia e Márcia Vieira, as crianças botaram a mão no barro para ilustrar seus próprios textos.

Trabalhos realizados pelos alunos mostravam a cultura nordestina em seus diversos aspectos. Vinícius Aguiar (T. 44), por exemplo, trouxe para o São Vicente um pouquinho da tradicional Feira de São Cristóvão, onde, segundo ele, no meio de muita cantoria e confusão, pode-se conhecer comidas, roupas, músicas, danças e o jeito do Nordeste.

Fala Brasil!

Se a cultura nordestina é rica, ela não é a única. O Brasil também fala, entre outras, a linguagem dos índios.

Vânia Velloso, mãe de aluno e funcionária da Companhia Vale do Rio Doce, apresentou o “Projeto Nhiopekti”, patrocinado pela empresa e coordenado por ela. O projeto tem por objetivo trazer autonomia para as mulheres da tribo Xikrin, do Pará, através do aproveitamento econômico da pintura corporal feita por elas. Quem esteve na “Oficina de Pintura Indígena” aprendeu que os Xikrin não utilizam a escrita e se comunicam usando o próprio corpo. Na tribo, somente as mulheres pintam e cada tipo de pintura representa um pouco da vida de cada uma delas e da comunidade. Aprendendo a linguagem gráfica dos Xikrin e pintando camisetas, muita gente se divertiu a valer num verdadeiro “programa de índio”.

Seguuuuura peão!!!!

O toque do berrante saiu dos rodeios e foi parar no pátio do Colégio. E não era para menos! Afinal, é no São Vicente que estuda o “1º Berranteiro Mirim Profissional do Rio de Janeiro”.

Autodidata, Rodrigo Carvalho (T.43) começou a tocar o instrumento há um ano e meio, por curiosidade. Talentoso, fez cursos, recebeu diplomas e ganhou prêmios. Hoje, aos 12 anos, viaja por vários lugares para divulgar e preservar a arte que fala tanto para tantos brasileiros.

COMUNICO, LOGO EXISTO



ROMANCE DE PEDRO ALEMÃO
AUTOR: THOMAS BAKK



E, se aprender é bom, aprender brincando é ainda melhor. Para provar essa teoria, era só visitar a seção de jogos. Desafios matemáticos, ao vivo e a cores, foram propostos pelos alunos de 6ª e 8ª séries da professora Maria Concetta. Isso sem falar nos jogos do corpo humano, idealizados e construídos por alunos de 7ª série do professor José Carlos. Jogos, como o “Nutripoker” e “Quanto vale a digestão?”, mostravam a importância da linguagem lúdica na aprendizagem.

Graças à 2ª série do EF, foi possível resgatar parte da cultura transmitida através da linguagem oral, como folclore. Abrir guarda-chuva dentro de casa dá azar; comer romã no Ano Novo dá sorte. Pura superstição? Não importa... Importante é registrar as lendas, trava-línguas, ditados e cantigas de roda, que formam o imaginário do povo.

A moderna linguagem dos *folders* também estava lá e a campanha, organizada pela 2ª série do EM (professoras Inah e Juçara), trazia um valioso alerta contra o uso de *dopping*.

Comunicar é preciso

Como se vê, houve de tudo um pouco. Da linguagem digital às histórias em quadrinhos e ao desenho animado; da linguagem do humor — dissecada por Hélio de la Peña, da Turma do Casseta — à psicologia dos contos de fadas — tão bem trabalhada pela professora Maria Eugênia —; da linguagem do corpo à linguagem da música, magistralmente representada pelo Coral do EM que, sob a regência de Patrícia Costa, encerrou o evento.

O tempo foi curto para participar de tantas atividades e, certamente, o espaço é pouco para se falar de todas elas. No final, a plena certeza de que linguagem e comunicação são fundamentais à vida humana. Como dizia Chacrinha, o Velho Guerreiro, “quem não se comunica, se trumbica!”. ■

Ana Beatriz de Noronha
Cátia Guimarães

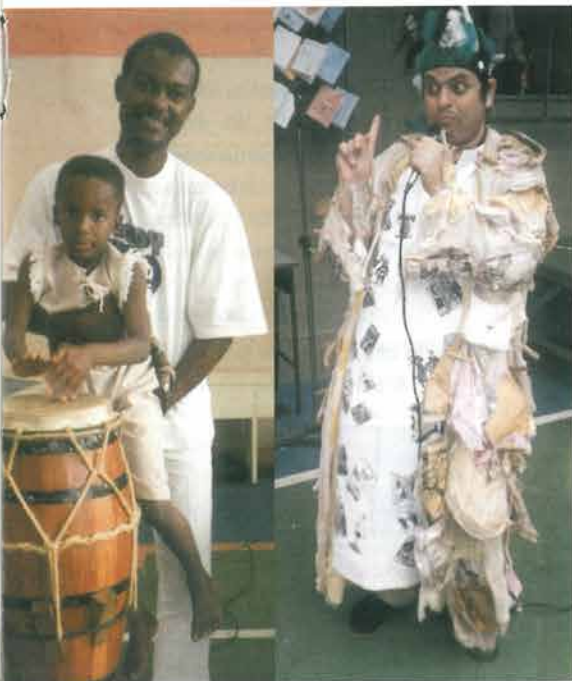
Colaboraram: Carol Vilela,
Júlia Leal, Marina Rondinelli,
Mitsue Aibe e Mônica N. de Souza

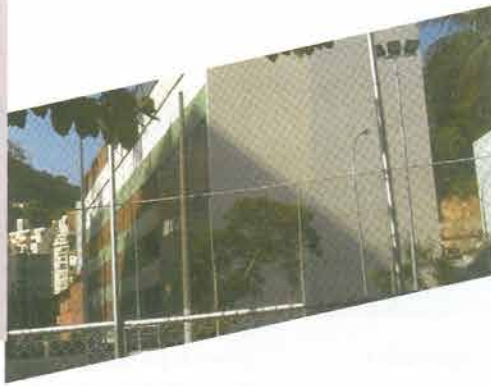
Muito o que ver e aprender

Para os amantes de música e poesia, a parada obrigatória era o “Vinicius Café”, na Rua dos Bobos, nº 0. No cardápio, preparado e servido pelos alunos de 8ª série, do professor Maurício Krauser, deliciosas opções de café da manhã, como o “Soneto à fidelidade”, o “Garota de Ipanema” e o “Prato Pateta”, lembravam os 20 anos de morte do Poetinha.

Na “Oficina de Bonecas Abayomi”, podia-se conhecer um pouco desse artesanato genuinamente brasileiro e, de quebra, aprender a confeccionar bonecas, feitas sem cola ou costura.

Histórias como “O gato com diarréia”, “Está na hora de se aposentar” e “A viagem pela galáxia”, criadas pela 3ª série do EF, encantaram a platéia do teatro de sombra, montado pelas professoras Lêda e Neusa, e provaram que o mesmo escuro que assusta também pode divertir e despertar muita criatividade.





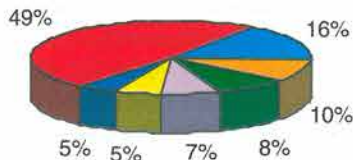
QUEM

Como elaborar um Projeto Pedagógico adequado aos alunos do São Vicente? Foi essa a pergunta que deu origem ao questionário entregue aos pais e responsáveis na época da renovação de matrículas para o ano letivo de 1999.

A idéia era de que somente conhecendo a realidade em que vivem esses alunos, seria possível realizar um trabalho coerente e bem fundamentado. Além disso, era importante rever conceitos e práticas que se baseavam no que se dizia habitualmente sobre o Colégio.

O questionário foi entregue, a resposta foi maciça e os resultados estão aí. Abaixo os mitos! Como o Brasil de Cazusa, o São Vicente mostra a sua cara.

Onde moram os alunos?



- Laranjeiras/Cosme Velho
- Humaitá/Lagoa/J. Botânico/Gávea
- Flamengo/Catete/Glória
- Urca/Botafogo
- Leme/Copacabana
- Ipanema/Leblon
- Outros

Colégio de bairro?

Quase 50% dos alunos moram em Laranjeiras e no Cosme Velho. A existência, porém, de tantos outros, residentes em bairros que possuem boas escolas, é certamente um sinal positivo de que o São Vicente é escolhido por sua proposta pedagógica e não apenas por questões de comodidade.

Retrato da família

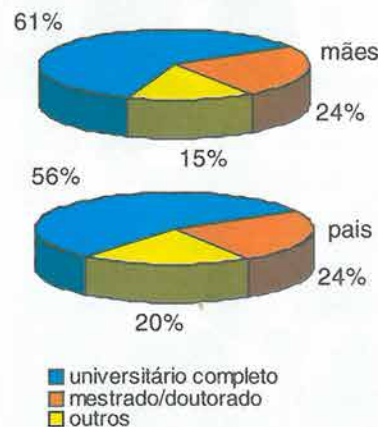
Os alunos do Colégio são filhos de pais com alto grau de instrução. Cerca de 61% das mães e 56% dos pais têm, no mínimo, curso universitário completo. Outros 24% têm ainda mestrado ou doutorado.

De forma prática, o nível de formação

acadêmica dos pais de alunos permite que a Escola conte com contribuição e diálogo de qualidade, o que foi de extrema importância para a elaboração do Projeto Pedagógico e tem sido fundamental para o sucesso no desenvolvimento de diversas atividades culturais e das feiras pedagógicas. Mais do que isso, no entanto, esses números mostram a possibilidade de esses pais acompanharem, de forma esclarecida, a tarefa pedagógica e educativa desenvolvida no São Vicente, trazendo sugestões, contribuições, avaliações e o apoio necessário ao constante desafio da superação de limites.

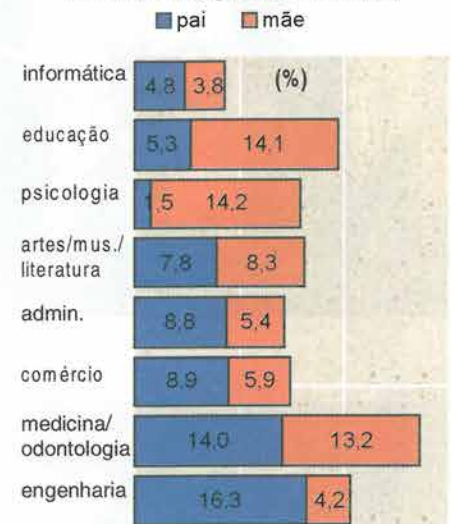
Profissionalmente, as áreas de psicologia, educação e medicina/odontologia agregam, cada uma delas, quase 15% das mães de alunos. Outras áreas que aparecem com frequência são:

Grau de instrução dos pais



comércio, artes/música/literatura, administração e informática. No que diz respeito aos pais, a engenharia é a profissão exercida por 16,3% deles, seguida por medicina/odontologia, administração, comércio e, tal como as mães, pelas carreiras ligadas às artes, música e literatura, à educação e à informática.

Área de atuação dos pais (%)



Isso significa que o São Vicente não é, como alguns diziam, a "escola dos filhos de artistas e intelectuais". Na verdade, ainda há muitos deles no Colégio, mas hoje a realidade é muito mais abrangente.

Quanto à vinculação, cerca de 32% de pais e mães se classificam como profissionais liberais autônomos. Pouco mais de 1/3 das mães e 27% dos pais trabalham em estatais ou no funcionalismo público. O percentual de pais empresários (14,4%) é aproximadamente o dobro do percentual de mães empresárias (6,5%). No setor privado, trabalham cerca de 20% das mães e 22% dos pais.

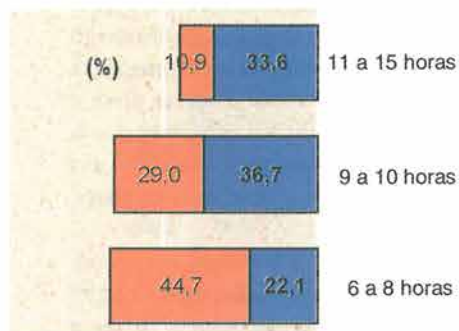
SOMOS NÓS?

A pesquisa mostrou que muitos pais são funcionários públicos e de estatal, sem aumento salarial há alguns anos, ou atuam como profissionais liberais, sofrendo com a retração de mercado. O resultado é que, nos cálculos de planilha de anuidades, o Colégio tem procurado manter os reajustes dentro de um patamar aceitável pelas famílias.

Um dado importante obtido pela pesquisa se refere ao tempo que pais e mães permanecem afastados de casa devido a suas atividades profissionais. Cerca de metade das mães passa de seis a oito horas fora e quase 1/3 delas chega a ficar de nove a dez horas trabalhando. No caso dos pais, a maioria fica de nove a 15 horas fora e outros 20% trabalham de seis a oito horas longe de casa.

Tempo que os pais ficam fora de casa

■ pai ■ mãe



Saber que os pais estão fora de casa durante tantas horas tem levado o Colégio a rever uma série de práticas habituais que, no entanto, não fazem muito sentido nos dias de hoje. Encontrar alternativas para melhorar a parceria Família-Escola em relação aos trabalhos de casa e às pesquisas que

exijam muita assessoria dos familiares é uma delas. A idéia é que os trabalhos sejam propostos de modo que o aluno possa fazê-los sem ajuda familiar e que a Escola ofereça espaço e supervisão para os trabalhos de grupo, evitando, dessa forma, os transtornos que possam causar aos pais que trabalham fora.

Quanto à religião, a grande maioria (aproximadamente 60% dos pais e 70% das mães) se declara católica, mas cerca de 16% das mães e 28% do pais afirmam não ter religião alguma. Dos que professam alguma fé, apenas metade das mães e a quarta parte dos pais se diz praticante.

O quadro aponta para pouca prática religiosa e freqüência à igreja. Isso, porém, não impede que a Escola continue a cumprir sua missão de orientação religiosa. O Projeto de Pastoral também tem sido revisto para que se possa responder melhor aos anseios familiares num ambiente de respeito, liberdade e abertura para a transcendência, além de preparar os que desejam para os Sacramentos de Iniciação, Batismo, Primeira Eucaristia e Crisma.

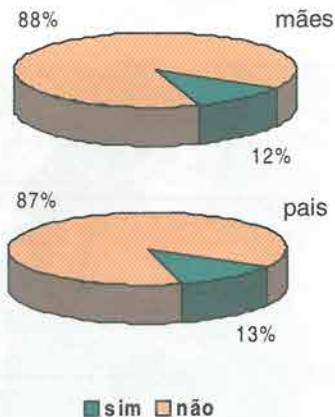
Se a prática religiosa é pequena, a política e social é ainda menor. Apenas 11,8% das mães e 12,7% dos pais têm algum tipo de atuação nesse sentido. No caso das mães, o envolvimento se dá através de sindicatos e associações profissionais, associações de moradores, assistência filantrópica e partidos políticos. No caso dos pais, a participação se concentra nos sindicatos e partidos políticos.

Os dados chegam a preocupar, pois nenhuma escola pode assumir sozinha certos aspectos da educação de crianças e jovens. A grande questão é: como fazer com que os alunos sejam participativos se quase 90% de seus pais não



se envolvem em qualquer tipo de ação política ou social? A resposta da Escola é que é preciso refletir sobre o assunto, se mobilizar e tentar mudar algumas situações que se estabelecem por puro "conforto".

Participação político-social dos pais



A dinâmica familiar

A grande maioria dos alunos (72,3%) tem no pai e na mãe, apesar do pouco tempo de que dispõem, a supervisão permanente dos estudos em casa. A presença de um professor particular é mínima, tornando-se significativa (18,6%) apenas no Ensino Médio.

Cerca de 70% dos alunos dispõem de espaço próprio para estudo — quartos individuais, mais de 55%, escritório ou biblioteca da família, outros 15%.

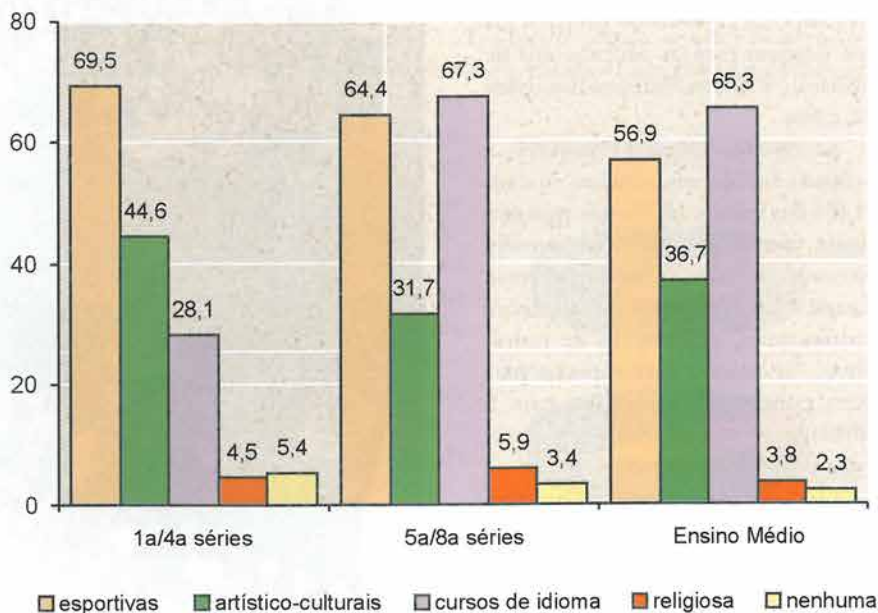
A renda familiar, embora possa ser considerada alta, é, quase sempre, fruto do trabalho de pelo menos duas pessoas, o que indica a participação do pai e da mãe ou de seus companheiros

e companheiras, nos casos de famílias separadas. (cerca de 38% delas). A quase totalidade dos alunos (97,5%) vive com suas mães.

O aluno do São Vicente

Fora do Colégio, o esporte, as atividades artístico-culturais e os cursos de idiomas são as atividades regulares que mais ocupam o tempo dos alunos. Um fato interessante é que, à medida em que os alunos vão ficando mais velhos, as duas primeiras gridem, enquanto cresce a procura pelos cursos de línguas.

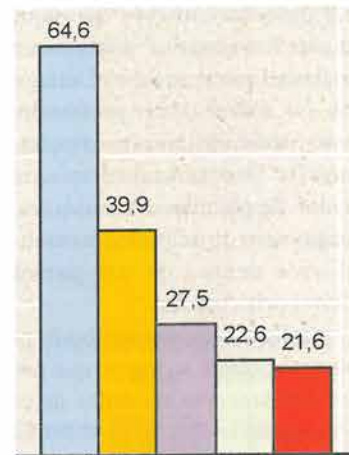
De que tipo de atividades o aluno participa fora do colégio? (%)



Obs.: A soma ultrapassa 100% porque alguns alunos participam de mais de uma atividade.

Um dado que merece atenção é o que diz respeito à televisão. No tempo livre, ela é a maior companheira de quase 65% dos alunos.

De que maneira o aluno usa seu tempo livre? (%)



- vê televisão
- ouve música
- pratica esportes
- lê
- vai ao cinema/teatro

Quando se cruza esta informação com o tempo que os pais passam fora de casa, fica claro que os alunos assistem à maioria dos programas sem o acompanhamento de um adulto que faça com eles uma leitura crítica do que vêem. Pode-se dizer o mesmo da Internet, uma vez que o computador é usado por quase 95% dos alunos, para jogos, trabalhos escolares, pesquisa e lazer.

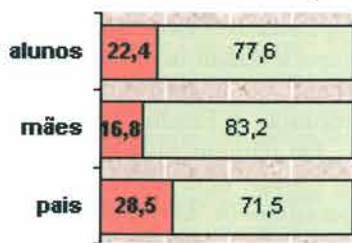
Com relação à leitura, um alerta: além dos livros exigidos pelo Colégio, a grande maioria lia, apenas, de um a seis livros por ano, com preferência pelos romances e contos. Alerta feito, providência tomada. E, ainda em 1999, professores e bibliotecas do Colégio começaram a organizar as Cirandas do Livro. Os resultados dessa iniciativa já podem ser considerados positivos e a expectativa é de que, em alguns anos, esteja definitivamente implantado o hábito da leitura.

Quanto às revistas, os quadrinhos atraem principalmente leitores no segmento da 1ª à 4ª série (61%), enquanto o interesse pelas publicações informativas cresce no Ensino Médio (30%). As revistas femininas para adolescentes têm um bom número de leitoras na faixa do Fundamental II (17%) e no Ensino Médio (12%), o que implica uma reflexão: será que pais e educadores têm tempo de conversar com essas “meninas” e fazer com elas uma leitura crítica dessas revistas? Até que ponto os questionamentos de nossas filhas e alunas estão sendo respondidos pelas “Carícias”, “Queridas” e “Atrevidas”?

A leitura de jornais é eventual e, como era de se esperar, aumenta no Ensino Médio. Conforme os alunos vão ficando mais velhos, ocorre também uma mudança nas curvas de preferência: cresce a leitura do Jornal do Brasil e da Folha de São Paulo e diminui a do Globo.

Quanto ao emprego, o São Vicente não vive a realidade do “jovem trabalhador”. Mas já existem alguns casos de alunos, principalmente no Ensino Médio, que trabalham em tempo parcial ou em trabalhos eventuais.

Tem religião? (%)



Se tem religião, é praticante? (%)



■ não □ sim

Acompanhando a atitude de seus pais, cerca de 22% dos alunos não professam qualquer religião e, dos que o fazem, apenas 25% são praticantes.

Do mesmo modo, a participação em movimentos sociais, fora do Colégio, é mínima. Na maioria dos casos, eles só participam das atividades dos Grêmios e do Comitê Graúna de Ação da Cidadania.

A pesquisa também trouxe preocupação no que diz respeito ao universo cultural dos alunos. Mas gerou, ao mesmo tempo, subsídios para a ação consciente de se trabalhar permanentemente com a ótica da leitura crítica, tanto em relação ao que os alunos lêem quanto ao que assistem. O Colégio tem procurado oferecer alternativas culturais, através de excursões, peças de teatro, filmes, etc., além do “Projeto Ver-as-Artes”, que estimula os alunos a participarem, semanalmente, de atividades culturais da cidade.

Para que tudo isso?

Essa pesquisa não foi feita por mera curiosidade ou modismo. Ela gerou dados que estão servindo tanto para o planejamento a longo prazo quanto para as pequenas questões do dia-a-dia do Colégio.

Pela filosofia do São Vicente, a ação educativa só se torna real e eficaz a partir da parceria família-escola. E essa parceria só é possível quando se baseia no que a família e a escola realmente são. Um não pode esperar do outro mais do que aquilo que o novo contexto social permite.

Todos os dados obtidos na pesquisa têm sido úteis para que o Colégio possa responder melhor às demandas do mundo atual sem, contudo, abrir mãos de suas utopias, dentre as quais aquela que assume como missão institucional: a formação de agentes de transformação social. ■

Ana Beatriz de Noronha
Cátia Guimarães

Colaboraram: Pe. Lauro Palú, C.M
(Diretor); Artur Guilherme Motta e
Nina Maria da Cunha
(Coordenadores Acadêmicos)



GRANDE FAMÍLIA



São Vicente de Paulo (1581-1660) fundou três grupos que duram até hoje: em 1617, as Voluntárias, que no começo se chamavam Confrarias da Caridade; em 1625, a Congregação da Missão (padres e irmãos) e, em 1633, a Companhia das Filhas da Caridade. Depois de sua morte, mais de 260 grupos, congregações, movimentos, associações, irmandades ou confrarias foram fundadas por algum membro dos três grupos iniciais ou por alguma pessoa que se encantou com o espírito e as intuições de São Vicente. Um exemplo disso ocorreu, em 1833, quando Antônio Frederico Ozanam fundou, com mais alguns companheiros, as Conferências de São Vicente ou a Sociedade de São Vicente.

Números que impressionam

Nas Conferências de São Vicente, existem mais de 900 mil membros (na maioria homens, mas também um grande número de mulheres). Na Associação Internacional de Caridades (Voluntárias), há cerca de 260 mil pessoas (na maioria mulheres, mas também muitos homens, em vários países). Nas Juventudes Marianas Vicentinas, há mais de 250 mil rapazes e moças. As Filhas da Caridade são, aproximadamente, 26 mil e os padres e irmãos, cerca de 4 mil. Nos Estados Unidos, a Associação da Medalha Milagrosa conta com milhões de pessoas ligadas aos santuários de Perryville (Missouri) e Filadélfia e, na Espanha, trabalha com mais de 500 mil famílias.

Essa grande família é formada também pelos professores, funcionários, pais e alunos dos colégios vicentinos, pelos auxiliares das paróquias e pelos Agentes de Pastoral das missões, etc.

No Colégio, há excelentes exemplos de dedicação ao espírito de São Vicente: funcionários como o Gérson (Pau Ferro), o Darcy e o Antônio; professores como a Marlene Bluhm e o José Eugênio, que aqui estão há cerca de 40 anos, a Solange e o Sérgio Drago, cerca de 30 anos, a Nina e a Patrícia, por volta dos 20 anos, e tantos outros; o Hugo Paiva, o Marçal Versiani e o José Fernandes que foram padres da Congregação e permaneceram por aqui, mesmo depois de deixar o ministério sacerdotal.



Família
Vicentina

O logotipo da Família Vicentina do Brasil foi desenvolvido de modo a ser facilmente compreendido e, assim, penetrar na mente do público.

Segundo seu autor, Cristiano Cunha de Oliveira, a forma arredondada do símbolo significa a união coesa. As três coroas que envolvem o círculo têm as cores da bandeira da França, país onde nasceu São Vicente. A coroa azul foi desenhada em forma de setas para dar a noção dos vários ramos da família. O número de setas é a soma dos algarismos do ano de nascimento de São Vicente*. No centro dessas coroas está a figura de São Vicente de Paulo.

Sobre a tipografia, vale destacar o uso de fonte com características francesas, em verde e amarelo, representando a Família Vicentina brasileira.

*(1581 ⇒ 1+5+8+1=15)

Como se articula a família?

No mundo inteiro, os vários ramos da Família se reúnem, por ocasião da festa de São Vicente, em 27 de setembro, para celebrar sua missão e sua fé, compor um conjunto e trabalhar em obras comuns. A cada ano, em Roma ou Paris, os responsáveis pelos grupos internacionais mencionados se reúnem com os Religiosos de São Vicente (fundação de Jean-Léon Le Prevost), para traçar linhas de ação em comum. Na América Latina, existe o Conselho Latino-americano, no qual eu represento os padres e irmãos, do México ao Chile. No Brasil, há o Conselho Brasileiro, em que nosso Provincial, Pe. Eli, coordena os oito grupos mais presentes — os anteriores, menos a Associação da Medalha Milagrosa, mais as Religiosas de São Vicente e os Irmãos de Nossa Senhora da Misericórdia.

Trabalho e união

As atividades são muitas. Já houve três Encontros Nacionais, além dos Encontros Nacionais da Mídia Vicentina e de Educadores Vicentinos. Os diversos grupos se ajudam, na medida do possível, sempre com o objetivo de fortalecer a articulação da Família.

Em outubro passado, realizou-se, no Caraça, uma semana de estudos vicentinos (A Antropologia de São Vicente e o conceito vicentino de Missão) para a Família Vicentina em geral; em novembro, também no Caraça, uma semana de formação para os Missionários Leigos Vicentinos. Para 2001, uma das atividades previstas é o 2º Congresso Nacional de Educação Vicentina, com o tema "Cultura da Solidariedade na Educação Vicentina", que será realizado em Curitiba. ■

Pe. Lauro Palú, C. M.
Diretor

MAIS UM SANTO VICENTINO

No dia 1º de outubro, o Papa João Paulo II canonizou mais um filho de São Vicente de Paulo. A cerimônia no Vaticano foi realizada para canonizar 120 santos, dos quais 87 eram chineses natos e 33 por opção, pois eram franceses, italianos, espanhóis, etc. que trabalhavam como missionários na China, onde sofreram o martírio.

Dos 120, 48 eram especialmente consagrados a Deus — quatro leigas que fizeram voto de virgindade, sete freiras, um irmão leigo, 23 padres, seis bispos e sete seminaristas — e 77 eram leigos — 13 catequistas (nove homens e quatro mulheres), 17 mulheres engajadas em suas comunidades, mães, avós, irmãs, sogras e noras de outros mártires ou viúvas, e outros 27 que eram líderes de comunidades, simples cristãos e alguns empregados das missões, dos seminários ou escolas: um porteiro e entregador de encomendas, dois cozinheiros, dois serventes, um vigia, um operário e três camareiros. Dois ainda se preparavam para o batismo e foram batizados no próprio sangue. Dezoito eram crianças, adolescentes e jovens entre sete e 20 anos.

Nosso santo vicentino se chama São Francisco Régis Clet. Nasceu em Grenoble, França, em 19 de agosto de 1748. Entrou para a Congregação com 21 anos e foi ordenado padre aos 25 anos. Trabalhou 17 anos na França, como professor e formador do clero no seminário de Annecy e como diretor de nosso noviciado em Paris. Durante a Revolução Francesa, foi enviado às missões da China. Embarcou na França em 10 de abril de 1791 e chegou a Macau seis meses depois, em 15 de outubro. Trabalhou 28 anos nas províncias de Kiang-Si e Hu-Kuang e morreu amarrado numa cruz e estrangulado em Ou-Tchang-Fu, capital de Hu-Kuang, no dia 18 de fevereiro de 1820. Foi beatificado em 1900, pelo Papa Leão XIII, e canonizado cem anos depois, por João Paulo II. As relíquias do seu corpo se conservam em Paris, na Casa-Mãe de nossa Congregação, junto com os corpos de São Vicente e de São João Gabriel Perboyre, que também foi missionário na China, seguiu o mesmo caminho até o martírio 20 anos depois de Régis Clet, e foi canonizado em 1996.

Há vários aspectos interessantes na vida de nosso novo Santo. Ele foi um grande estudioso. Seu apelido era “biblioteca ambulante”, tais eram sua cultura, a variedade e a extensão de seus conhecimentos. Sempre alimentou no coração uma vocação missionária, oferecendo-se com muita insistência e zelo para ir evangelizar os povos da China. Teve muita dificuldade com a língua chinesa, mas procurou aprender o que pôde, e se esforçou por integrar-se o mais possível no modo de vida dos chineses. Adotou o nome de Liéou, usava a barba, os cabelos compridos, o chapéu e as roupas típicas dos pobres entre os quais vivia. Uma de suas preocupações era a formação dos cristãos, especialmente dos catequistas, que iam pelas aldeias preparando os meninos para o batismo, a primeira comunhão e a crisma.

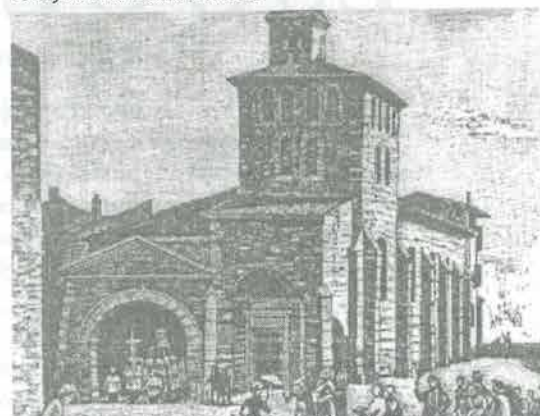
Um missionário não é um aventureiro. Não abandona sua pátria e sua família só por diversão, para conhecer novos mundos e fazer-se um nome. Um mártir também não nasce feito nem se improvisa. O cristão que pratica sua fé com heroísmo e enfrenta até a morte para defender e propagar sua fé é chamado mártir. Mártir quer dizer testemunha. Dá testemunho de sua fé, de sua religião, dos valores em que acredita, de Deus a quem deseja adorar e servir. Mártir é quem morre para não negar sua fé, para não ofender a Deus ou aos irmãos, para servir a Deus e aos irmãos.

No Colégio São Vicente, podemos ter em São Francisco Régis Clet um protetor no nosso esforço de aprender e de ter uma visão aberta das culturas e dos valores dos outros povos. Seu exemplo também pode nos ensinar a importância de formar bem os futuros líderes, os multiplicadores daquilo em que acreditamos e por que lutamos. Nossos alunos e alunas, desde os sete anos, podem ser santos e testemunhas como Régis Clet. Sem falar de nós, seus educadores e formadores!■

Pe. Lauro Palú, C. M.
Diretor



IGREJA ONDE FOI BATIZADO



IGREJA ONDE CELEBROU A PRIMEIRA MISSA



CASA MÃE DOS LAZARISTAS



MARTÍRIO





FAVOR NÃO ESQUECER

Lembrar ou esquecer? Eis a questão. Quais os fatores que movem essa misteriosa capacidade que é a memória humana? Para responder a essas perguntas e lançar tantas outras, o aluno Eduardo Rotstein, do 2º C, as professoras do São Vicente Jessica Campos (de História) e Sheila Dain (de Artes) e o professor de História e pesquisador da Fundação Oswaldo Cruz, André de Faria Neto, se arriscaram num papo tão descontraído quanto intelectual.

O brasileiro tem memória?

André: Eu acho que a gente vive um momento hoje em que tudo parece que não tem muito significado, ser descartável. Então, a memória, votar em Maluf, em Collor, ou esquecer o que o Collor fez, parece que são coisas residuais, transitórias.

Sheila: Uma das questões que ficam para mim nessa pergunta é a noção de patrimônio histórico. Eu dava aula no curso de arquitetura e alguns alunos fizeram trabalho sobre Ouro Preto, que tinha sido escolhida patrimônio da humanidade. Eles contaram que tiveram a sensação de que os moradores da cidade se sentiam aprisionados por serem patrimônio da humanidade. Para mim, fica a pergunta: o que é preservar? É você estagnar? Quanto ao momento atual, eu acho que existe, no século XX, uma busca estética pelo novo. Isso dá essa sensação do descartável, mas tem ciclos: daqui a pouco a gente resgata uma coisa que estava lá atrás.

O espaço do contar

André: Eu queria frisar que se as pessoas, por exemplo, votaram muito no Maluf, é também porque existe uma propaganda. Eu conto para o meu filho coisas do passado dele que eu me lembro e ele daqui a pouco vai contar para o filho as coisas que eu contei para ele. Porque ele não lembra o que fazia com dois, três anos, mas, de tanto eu contar a história dele, ele continua contando os casos por aí fora. Então, a gente não lembra tudo e não lembram tudo para a gente. A reificação de certas coisas em homens públicos é, muitas vezes, intencional.

Jessica: Eu concordo com essa idéia do descartável do mundo atual, acho que a mídia manipula mesmo, cria e desfaz mitos, mas sempre vai existir uma elite e, portanto, sempre vai haver gente que vai votar no Maluf e no Collor. Os malufistas votam no Maluf porque o acham excelente: ele faz um minhocão!!! Agora, o que se falou sobre o contar é muito interessante. E antigamente, a gente sabe, havia uma tradição de as famílias se encontrarem mais.

Sheila: Eu não sei se quero dar um dado otimista, mas não tenho essa visão tão genérica assim. Por incrível que pareça, tenho um grupo de alunos na PUC que está trabalhando o "bumba meu boi" maranhense. Tem um movimento dessa geração de busca de questões do folclore e tentando discutir o que é atualizar, não deixar morrer.



Jessica: É.. Existe até uma vida cultural diferente hoje na cidade ...

Sheila: Há seis anos, eu não tinha aonde levar aluno para ver uma exposição. O Rio não tinha uma mostra de arte. Agora, chove. E muito boas. Quer dizer, eu não estou com essa sensação tão negativa...

André: Hoje há uma tendência que se está chamando de "glocal". Se há, por um lado, uma pasteurização da cultura, dos valores e da língua, há também uma reificação muito grande das especificidades locais e populares. Essa coisa está acontecendo muito forte e, às vezes, de maneira até violenta, porque gera xenofobia e coisas assim. E isso não deixa de ter a ver com memória, tradição cultural, resgate.

A memória é induzida?

Eduardo: Tem aquele cara que falou que a História tinha morrido, o Fukuyama... Eu analiso a frase assim: os meios de comunicação e os fatores econômicos passaram a exercer influência de tal modo que a História, no sentido da espontaneidade, se perdeu um pouco pelos valores da mídia. Então, a mídia está sempre criando novos fatos, de acordo com os seus interesses. Mas eu discordo dessa frase — embora não totalmente. Porque mesmo que seja uma influência dos meios de comunicação, aquilo é um fato histórico, que vai repercutir no futuro da sociedade. Tudo, desde a Antigüidade, sofreu influência.

Jessica: Você lembra o que foi o Maluf na década de 70 porque você tem um arsenal de análise da realidade que, mesmo quando a mídia lhe assedia com informações distorcidas, você é capaz de perceber a distorção. Então, essa manipulação funciona muito na medida em que há falta desse aparato de análise crítica. Eu esqueço muitas coisas, claro. Pegando o Maluf de novo, eu não vou saber o que ele roubou na década de 70, mas me lembro que "malufar", nessa época, era roubar. Então, eu acho que existe isso também: uma dificuldade de se posicionar.

O papel dos intelectuais

André: Eu queria pegar o gancho do Eduardo, que falou do Fukuyama e o fim da História. Porque, em certo sentido, com a derrubada do muro de Berlim, da utopia, do socialismo, os intelectuais brasileiros — como no mundo inteiro — ficaram meio "baratas tontas". Para mim, o maior barata tonta do nosso país hoje chama-se Arnaldo Jabor. É um desfazedor de opinião. "Topa tudo por dinheiro", "vídeo cassetada" e esse "Casseta & Planeta" não têm referência, não têm mais ou menos. Nesse sentido, o Fukuyama diz: acabou tudo, não tem certo nem errado. Vai forma opinião em relação a quê? Um exemplo próximo para nós brasileiros é o do nosso sociólogo presidente. Eu li muitos artigos e livros do Fernando Henrique. São obras de referência. Ele mandou jogar tudo fora! Vocês, infelizmente, estão vivendo um momento terrível. No meu tempo, existia um inimigo, que era a ditadura. Era mais fácil.

O esquecimento como uma necessidade histórica

Sheila: Eu queria aproveitar que ele falou de Berlim e até falar um pouco dos alemães porque é onde a arte está atuando de uma forma talvez mais dramática nessa questão da formação de opinião ou da recuperação da memória. O que aconteceu com os artistas no pós-guerra? Eles tentam esquecer. No fundo, é: como se identificar com aquele momento? Na Alemanha, houve essa necessidade de esquecer.

André: Nós todos, brancos, aqui nessa sala insistimos sempre em esquecer de 400 anos de escravidão. É como se não tivessem existido. Não há um auto-penitenciamento.

O que se quer conservar

Sheila: Talvez o medo de mudança seja muito grande. É mais confortável um conhecido: "O Maluf rouba, mas eu sei como ele é".

André: Essa é a história de um profundo conservadorismo. Uma letra de samba, que eu acho muito exemplar, diz assim: "Tudo está em seu lugar, graças a Deus!"

O que é memória?

Jessica: É difícil se estabelecer um conceito único de memória. Eu acho que é exatamente a relação que o homem estabelece com o tempo, a compreensão que ele tem desse tempo. Por isso, na mitologia grega a memória (Mnemosine) era uma titã, irmã de Chronos (o tempo), que devorava seus filhos. Mnemosine era a única que compensava essa força destruidora do tempo, aquilo que passa e que você não traz mais.

Eduardo: Concordo plenamente, porque a gente tem a noção do tempo a partir das nossas memórias. São coisas indissociáveis. O tempo só existe por causa da memória.

Sheila: Já está tudo mais ou menos dito. A mim, vem muito essa imagem do que vai ficando gravado, as marcas (sensoriais, perceptivas, intelectuais). O que me ocorre é essa impressão de marcas, que vêm e voltam, por motivos diferentes, mas que são construções também. São camadas que vão se segmentando; algumas você cava, outras não. De repente acontece alguma eclosão e tudo explode...

André: Eu acho que memória é o que nos diferencia dos demais animais do planeta. Esse é o grande barato. Seja a que guardamos ou a que nos fazem guardar, nós temos memória. E é isso que nos faz levantar todos os dias, nos dá identidade, nos faz viver, ter referências, ter sonhos e fazer projetos para a nossa vida. Enfim, se não tivéssemos memória, nós seríamos como uma vaca. ■

Ana Beatriz de Noronha

Cátia Guimarães

Colaboraram: Carol Vilela, Julia Leal, Marina Rondinelli,

Mitsue Aibe, Mônica N. de Souza e Sofia Saadi

PARCERIA NOTA 10!

Família e escola são parceiras no processo de educar e é no sentido de fortalecer essa parceria que a APM promoveu a palestra de José Ernesto Bologna (ver p. 33). A certeza de se estar no caminho certo chega com mensagens como a de João Afonso e Solange Teixeira (pais dos alunos Igor e Vinicius): "É importante registrar a nossa satisfação e parabenizar a Escola pelo gesto de parceria — ao proporcionar um momento de reflexão e compreensão sobre a educação de nossos filhos — e pela escolha do excelente psicanalista José Ernesto Bologna, cuja palestra de alto nível foi bastante esclarecedora para os pais presentes". ■

PENSANDO NO FUTURO

Em sua reunião do dia 9 de outubro, a APM entregou oficialmente ao Colégio o Projeto gráfico e editorial da "chama", que ficará à disposição dos futuros responsáveis pela revista. ■

OSWALDO LIOI, PE. LAURO E REGINA MARTELETO



DE PÉ, SOFIA E MITSUE; SENTADAS, MÔNICA E CAROL.

GABARITANDO

Dos milhares de alunos que fizeram vestibular para a UFRJ, só conseguiram tirar nota 10 na 1ª fase do concurso. Entre eles, Carolina de Rezende, do 3º A. Valeu!!

HUMANIZAÇÃO DE MORADIAS

Na reunião da APM, realizada no dia 2 de setembro, esteve presente a Sra. Tanya Buarque de Almeida, presidente da Regional 6 Rio, das Voluntárias da Caridade.

O objetivo de dona Tanya era apresentar o projeto de reforma das seis casas de quarto e sala, localizadas na rua Vinte de abril, nº 22, no Centro do Rio.

As casas eram muitas antigas, foram herdadas pelas Voluntárias e nelas famílias carentes viviam em péssimas condições: sem cozinha, utilizando banheiros coletivos e com sistema de esgoto muito precário.

Pelo projeto, em curso há oito meses, as seis "casas" seriam demolidas, dando lugar a outras com dois quartos, sala, banheiro e cozinha. Além disso seriam refeitos os sistemas de esgoto, luz e água.

A maior parte da obra já está pronta, mas ainda era preciso conseguir mais verbas para continuar o trabalho. Ciente de seu papel, a diretoria da APM liberou uma parte da quantia necessária e é dona Tanya que explica a importância desta decisão: "Somente com a união da Família Vicentina está sendo possível a realização desse projeto". ■

FORÇA FEMININA

Para elaborar a "chama" passada, a APM montou uma oficina com os alunos da 3ª série do EM. A experiência deu certo e, dessa vez, a oportunidade foi dada aos alunos da 2ª ano.

O convite foi aceito e a equipe formada. A surpresa? Basta olhar a escalação do time: Mitsue Aibe e Sofia Saadi, do 2º A; Júlia Leal, do 2º C; Carol Vilela, Marina Rondinelli e Mônica N. de Souza, do 2º D.

Durante dois meses, as meninas mostraram que têm muita garra. Cobriram eventos, organizaram o "fórum", fizeram entrevistas, montaram o "perfil", escreveram matérias e vivenciaram um pouco o dia-a-dia de um jornalista. O trabalho foi grande, mas a revista está aí para mostrar o resultado. Medalha de ouro para elas!! ■

ANTES...



DEPOIS...





ANOS 80



PRONTA



O FOTOLITO

Como se faz uma “chama”

Comunicação e linguagem foi o tema da Feira que o Colégio realizou no dia 16 de setembro. E, se comunicação lembra revista; revista, no São Vicente, certamente lembra “a chama”.

Foi por esse motivo que a APM aceitou prontamente o convite para participar do evento, com a exposição “Como se faz uma chama?”.

A história

A exposição foi dividida em quatro módulos. No primeiro, as pessoas puderam conhecer um pouco da história da revista, que nasceu no dia 27 de setembro de 1973.

Traçando uma linha do tempo — da fundação aos dias de hoje —, diversos painéis mostravam que, de lá para cá, muita coisa mudou — como o formato, o papel e a estrutura —, mas que, do primeiro número mimeografado às atuais edições em papel *couché*, “a chama” se mantém como um documento, que, há 27 anos, guarda um pouco da memória do Colégio São Vicente de Paulo.

Os ilustradores

O segundo módulo foi criado para mostrar que nem só de textos vive uma revista e que, na galeria de imagens, as ilustrações representam um espaço onde arte e jornalismo se encontram e se confundem.

Nos painéis que formavam esse módulo, charges, caricaturas e desenhos, de ilustradores famosos ou de alunos que, de uma forma ou de outra, deixaram na revista a marca de sua genialidade.



NA FEIRA

Projeto gráfico e editorial

Na terceira parte da exposição, o público podia, com ajuda de uma apresentação em computador, entender o que significa e representa um projeto gráfico e editorial. Além disso, podia folhear e ler, antes mesmo de sua entrega oficial, o projeto criado para a “chama”. Projeto este que definiu e fixou a nova identidade informativa e visual da publicação, tem orientado a elaboração da revista desde o número 59 e servirá de modelo para todas as suas futuras edições.

A linha de montagem

O objetivo da quarta e última etapa da mostra era dar ao leitor uma visão geral do processo de elaboração de uma revista.

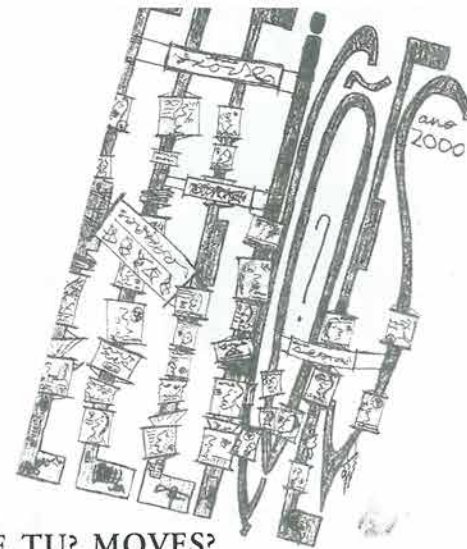
Sobre as mesas, foi reproduzida uma verdadeira linha de montagem editorial que partia dos primeiros estudos gráficos ou rascunhos, evoluía em “bonecas” — esquemas de paginação e diagramação de uma revista —, passava pelos fotolitos — películas transparentes nas quais são registrados o texto e as imagens que compõem as páginas e que servem de matriz para gravação das chapas que serão impressas — e pela prova de prelo — teste de impressão que possibilita a verificação da qualidade das cores utilizadas na revista — para, enfim, chegar ao produto que o leitor tem acesso.

Receita infalível

Além disso tudo, ainda foram colocados à disposição do público os volumes encadernados da “chama” que fazem parte do acervo do Colégio. E, se alguém quisesse passar da observação para a ação, era só aproveitar a pequena oficina de texto e desenho que foi montada.

Ao final da exposição, a resposta estava na ponta da língua: “Como se faz uma “chama”? Ora... com técnica, dedicação e, sobretudo, colaboração, pois uma revista não se faz sozinha e, sozinho, ninguém faz uma revista.■

Ana Beatriz de Noronha
Cátia Guimarães



CONQUISTANDO PARIS

“Desde pequena eu amava balé...” Lara Lioi, da T. 62, ainda mede 1,46m, mas já é uma grande bailarina. Em março de 2000, ela e a amiga Renata Meire foram as únicas representantes do Brasil no concurso “Le Chausson D’or 2000 - Concours International de Danse Classique”, realizado em Paris. Nem o frio inverno francês nem o nervosismo foram suficientes para impedir que Lara conquistasse o 2º lugar! A paixão pelo balé clássico começou aos cinco anos e sua grande incentivadora foi a primeira professora, Alessandra Salomonde, que já apostava no potencial da aluna. Atualmente, Lara ensaia três horas por dia, no Studio Eliana Karin, situado na rua Miguel Pereira, no Humaitá. Seu sonho é “tornar-se uma 1ª bailarina e ser reconhecida por sua técnica”. ■



PERNAS NO MUNDO

Na última edição, “a chama” contou que a Clara Andrade, do 3ºA, estava tendo aulas de perna de pau. Bem, agora ela viajou com a Companhia Brasileira de Mistérios e Novidades para a Itália.

Clara foi chamada por sua professora, Lúcia Veiga, para completar o grupo, que existe há 15 anos. A Companhia se apresentou no “Festival Brasileiro”, em Florença, e no “Festival Abraxa” (abracadabra, em italiano), em Roma. Além disso, há o projeto “SESC na Praça”, que roda o país. Eles agora estão ensaiando na rua Luís de Camões, nº 2, no Centro (tel: 541-6045). ■



MTVICIADOS

“Já estou a caminho de São Paulo”, dizia Carol Vilela (2º D), dentro de um ônibus. Corta!! Foi com esse vídeo que ela foi selecionada para participar do programa “VJ por um dia”, da MTV.

No início, o desejo de Carol era conhecer o então apresentador do programa, Casé. Ele saiu, mas ela não desistiu da idéia. No dia 29 de setembro, levando 11 amigos a tiracolo, ela foi para São Paulo. Gravou no dia 30 e voltou antes de escurecer. “Foi uma experiência muito divertida. O pessoal de lá é o máximo!”, garantiu a VJ Carol. ■

E TU? MOVES?

A aluna Laida Morena, do 2ºA, está participando de um movimento estudantil chamado Atuação, que surgiu de uma manifestação pela paz, após o seqüestro do ônibus 174. O grupo se encontra na PUC toda semana e já faz um mutirão de limpeza e conscientização nas praias, dois domingos por mês.

Há quatro meses, Laida entrou para o MOVES (Movimento Voluntário Estudantil), que existe há dois anos. Além da cartilha política para as últimas eleições, um dos projetos de mais sucesso é o MERMC (Mutirão Ecológico de Recuperação das Matas Cariocas). Os estudantes também estão sendo preparados pela ONG S-PTA para darem palestras em escolas, sobre os transgênicos. A cada dois sábados, o MOVES prepara um sopão para distribuir entre os mendigos. “Não quero ser mais uma pessoa passiva diante de tantas injustiças sociais. Estou fazendo alguma coisa”, afirma Laida. Os interessados podem falar com ela no telefone 205-0213. ■

GAROTO NOEL

Ciro Nogueira, da T. 55, tem apenas 11 anos, mas um currículo de dar inveja. Sua estréia nos palcos foi aos nove anos, depois de muita insistência da mãe, a diretora Karen Acioli. “Eu odiava teatro”, confessa. A primeira peça foi “A história da baratinha”; depois veio “Festa no céu”. Em outubro, Hiro reestrou como o protagonista infantil em “Garoto Noel”, que ficará no teatro Clara Nunes até janeiro. Além de cantar, ele adora improvisar e isso todos podem conferir aos sábados e domingos, na Gávea. ■

Mitsue Aybe (2º A)
Sofia Saady (2º A)

ETC...

SR. VICENTE

Senhor Vicente. Segundo Mario Sgarbossa e Luigi Gionannini, autores do livro "Um santo para cada dia", era assim, de forma respeitosa, que São Vicente era chamado por todos, desde o mais pobre até os mais ricos e poderosos de sua época.

São Vicente nasceu em 24 de abril de 1581 e morreu em 27 de setembro de 1660. O dia de sua morte foi escolhido para a sua lembrança, após sua canonização, em 1737.



Os preparativos

Como não podia deixar de ser, a data foi muito comemorada. O Colégio se enfeitou todo para receber os convidados. A "roupa de festa" ficou por conta das crianças, cujos desenhos e mensagens se espalharam pelas paredes. De modo especial, os pequenos prestaram homenagem ao Santo que vêem como o companheiro de todas as horas.

Os festejos

No dia da festa, houve uma missa comemorativa e um coquetel.

A missa, concelebrada pelos padres Araújo, do Colégio Santo Inácio, Lauro, Maurício e Efigênio, foi realizada para um auditório lotado. Muitos eram os professores, ex-alunos, representantes de turma e Grêmios do Ensino Médio e Fundamental, amigos e membros de diversos ramos da Família Vicentina presentes. Tudo isso embalado pelo canto vibrante do professor Zé Du.

Na Homilia, Pe. Lauro usou o ditado popular "quem meu filho beija, minha boca adoça" e homenageou São Vicente falando da canonização de Francisco Régis Clet.

Depois da missa, foi a vez do tradicional coquetel de confraternização, espaço de muitos encontros e reencontros.

A festa terminou com um sonoro parabéns, mas as comemorações pelo dia do patrono só se completariam com o concerto do Quarteto de Cordas da Universidade Federal Fluminense e com as palestras de José Ernesto Bologna. ■

Ana Beatriz de Noronha
Cátia Guimarães

*Colaboraram: Carol Vilela, Júlia Leal,
Marina Rondinelli e Mônica N. de Souza*

BRAVO!



As comemorações pelo dia de São Vicente não terminaram no dia 27 de setembro. No dia 2 de outubro, com a apresentação do Quarteto de Cordas da UFF, também foi dia de festa.

O grupo veio para o Colégio a convite da APM e, por cerca de hora e meia, encantou a pequena, mas atenta, platéia que estava no auditório. No programa, o Quarteto nº 1, de Heitor Villa Lobos, e o Quarteto op. 18 nº 6, de Beethoven.

Em atividade há 15 anos, o Quarteto de Cordas da UFF já se apresentou nas principais cidades e participou dos mais conceituados festivais de música no Brasil. Além disso, fez grande sucesso na Inglaterra, onde gravou quartetos brasileiros que foram transmitidos, pela Rádio BBC, para toda a América Latina.

Atualmente, é formado por Ana Maria Oliveira, 1º violino; Ubiratã Rodrigues, 2º violino; Nayran Pessanha, viola; e David Chew, violoncelo.

A música de câmara

Segundo especialistas, o rótulo “música de câmara” é dado a obras compostas para grupos de até oito músicos. Desses grupos, o quarteto de cordas é o mais usual e pode ser considerado a base da música camerística.

O estilo se firmou na época de Haydn (1732-1809), que escreveu 83 quartetos. Depois dele, quase todos os compositores, se preocuparam em criar alguma obra do gênero. Beethoven (1770-1827) e Villa-Lobos (1887-1959), por exemplo, compuseram, cada um deles, 17 dessas obras.

Os instrumentos

O violino é o menor e mais versátil membro da família de instrumentos de arco, de quatro cordas. É afinado em quintas e alcança mais de 4 1/2 oitavas. Aperfeiçoado pelos artesãos de Cremona (Stradivarius, Amati), tornou-se um dos principais instrumentos de solo.

A viola, um pouco maior que o violino, alcança três oitavas. Faz parte das orquestras desde o século XVIII e ganhou importância no período clássico.

O violoncelo é o segundo maior instrumento da família e o mais grave do conjunto. Surgiu no século XVI e popularizou-se, como instrumento solista, nos séculos XVII e XVIII.

Uma noite memorável

Aqueles que prestigiaram o evento certamente não se arrependem, pois ouviram música de qualidade, executada com sensibilidade e maestria. Além disso, com a simpática ajuda de Nayran Pessanha, o violista, aprendeu um pouquinho sobre o universo da música de câmara. Mais do que um concerto, o que se teve foi uma verdadeira aula de música.

Ao final da apresentação, para completar a noite: as palavras inspiradas de Pe. Lauro (ver box), os aplausos, a emoção dos músicos e a promessa da volta. ■

Ana Beatriz de Noronha
Cátia Guimarães

QUATRO TEMAS PARA UM QUARTETO

I - O poeta grego Cyrillos escreveu um epigrama que diz: “O epigrama perfeito? Só dois versos. Com mais de dois não é epigrama, é epóica”. O poeta mexicano Octavio Paz, em seu poema “O menino e o pão”, escreveu com esta mesma exigüidade de meios: “De cada vez que o lança, cai justo no centro do mundo”.

Nas Olimpíadas, a prova das provas é a corrida dos 100 metros, quando o atleta vai daqui ao São Judas, nos nove segundos que levo para dizer esta frase.

É como um segundo turno, quando temos que ir ao essencial, já não podemos nos perder entre 14 candidatos.

II - Assim é o quarteto, para seu compositor. Não tem para ampará-lo o espetáculo total da ópera, nem o colosso sonoro da orquestra sinfônica e nem a massa coral de uma Nona Sinfonia (Beethoven) ou da Missa da Coroação (Mozart), mas apenas os quatro sons, limpos, secos: osso, nervo, pele e graça.

III - Assim é o quarteto, para os músicos. Não têm o amparo da massa ou o esplendor da floresta, mas são apenas, no palco, quatro solidões, quatro coragens, quatro confianças, quatro dons. Ou são como os quatro elementos, água, ar, fogo, terra, capazes de construir sozinhos todo um mundo.

IV - Para nós, educadores do São Vicente, o Quarteto de Cordas da UFF mostrou a sabedoria que, naquele instante em que o som desce pelo braço longo do violoncelo e se cruza com o arco que afaga as suas cordas, você o aprisiona e domestica com a mão esquerda.

“Valeu.
Vibramos.
Voltem.
Vivam!”.



Nos labirintos da vida

Etc...

Se tivesse que optar entre estar preso num labirinto ou perdido num deserto, o que você escolheria? Se a pergunta parece sem sentido, talvez você precise repensar sua idéia de limite.

A metáfora é de José Ernesto Bologna, psicanalista e consultor de empresas, que, a convite da APM, esteve no Colégio, no dia 10 de outubro, apresentando três palestras diferentes para alunos, professores e pais. A estes últimos, Bologna deu uma verdadeira aula sobre "Educação e limites".

Com um discurso entremeado por referências históricas e narrativas mitológicas, o palestrante encantou os cerca de cem pais e mães da platéia ao situar e analisar a posição dos pais no mundo atual. Pais que, segundo ele, são, fundamentalmente, educadores.

Para quem esperava fórmulas mágicas para resolução de problemas, ele avisou: "Eu e os psicanalistas em geral temos uma grande desconfiança em relação ao excesso de pragmatismo. Foi em nome da prática que o homem contemporâneo esqueceu a ética, a política, a estética e a contemplação".

Narrando e refletindo

A família nuclear é dissolvida, as igrejas tradicionais deixam de ser a fonte do comportamento moral, a juventude desponta, pela primeira vez, como uma categoria social e surge uma nova idéia de felicidade, baseada não mais no dever, mas no prazer. Esse é o retrato do mundo contemporâneo ou, mais especificamente, do século XX.

A explicação, apresentada por Ernesto Bologna, é baseada no trabalho do historiador Eric Hobsbawm e serve para identificar os pais (ou educadores) e os filhos de que se estava falando.

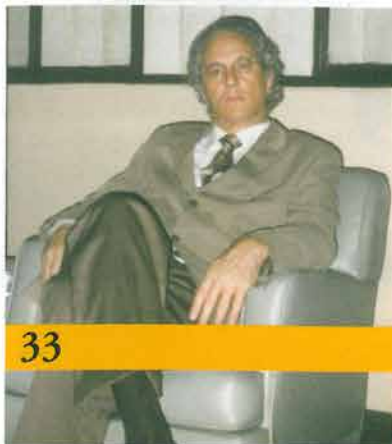
Para ele, o surgimento da juventude como um referencial é o mais marcante destes fatores. "Todos, crianças e velhos, querem ser jovens. A sociedade ajoelhou-se diante da juventude", afirmou.

E o que significa ser jovem a partir da segunda metade do século XX? Ele não deixa dúvidas: três valores fundamentam a juventude — transgressão, cumplicidade e imitação.

Linhas de ação

Diante desse quadro, a pergunta parecia pairar no ar: como lidar com esse jovem? A resposta foi simples: o importante é saber colocar limites, sem medo de parecer careta. Mas essa simplicidade veio imersa numa linda narração do mito grego de Dédalo e seu filho Ícaro, que foram aprisionados no labirinto construído pelo próprio Dédalo, para o minotauro. A dor de ver o filho pagando pelos erros que eram seus fez Dédalo ajudá-lo a criar as famosas asas, feitas de penas de aves e cera, com as quais Ícaro alçou vôo e se libertou da prisão. O recado principal daquela noite estava no diálogo entre estes os dois personagens. Dédalo teria avisado ao filho: "Aqui, seus limites são marcados por paredes altas e corredores estreitos. Lá fora, por causa de suas asas, você não pode se aproximar muito do mar e nem do sol, mas preste atenção, porque esses limites não são visíveis". Como todos sabem, essa história não tem um final feliz porque Ícaro, de fato, chegou perto demais do sol, derretendo a cera das asas e caindo.

Analisando o mito, Bologna foi enfático: "A vida é cheia de limites invisíveis. E o problema é que nós só os percebemos quando já os ultrapassamos".



Num mundo baseado na transgressão e cheio de limites não identificáveis, como os pais devem proceder? Aqui entra o único conselho que o psicanalista deu em toda a palestra, usando uma outra metáfora: "Você mora numa ilha com um despeñhadeiro que leva a um mar cheio de tubarões. É preciso construir um muro, mesmo sabendo que seu filho vai querer passar por cima dele, porque transgredir faz parte da realidade do jovem. Não construa esse muro nos limites do abismo; traga-o para o centro da ilha, porque, quando ele pular, ainda vai cair num lugar seguro". O resumo da ópera? Pais educadores constroem muros atrás de muros e rezam para que, quando chegar ao último, aquele que fica na beira do despeñhadeiro, o filho já tenha amadurecido. ■

Ana Beatriz de Noronha
Cátia Guimarães

ERROS E ACERTOS

Domingo, dia 27 de agosto de 2000, pais e responsáveis pelos alunos do São Vicente ficam chocados com o que lêem no jornal: “Com a consultoria de uma nutricionista, em visitas a escolas tradicionais do Rio, O GLOBO constatou que as crianças de classe média e alta comem cada vez pior, ingerindo uma alta quantidade de calorias pobres em nutrientes. Nas cantinas dos colégios, faltam alimentos saudáveis, como frutas e iogurtes. Mas sobram problemas: fiscais da Vigilância Sanitária da Secretaria Municipal de Saúde encontraram irregularidades em oito das dez cantinas visitadas. Além da falta de higiene, algumas tinham produtos vencidos. No Colégio São Vicente de Paulo, no Cosme Velho, foram inutilizados 87 quilos de alimentos impróprios para consumo”.

A matéria explorava, com sensacionalismo, o resultado da visita de uma equipe da Vigilância Sanitária ao Colégio, feita três dias antes.

Pegos de surpresa, os pais, por e-mails e telefonemas, sugeriam medidas radicais: “O mínimo que se espera agora é o fim do contrato com o locatário atual...”, “A empresa que explora a cantina deve ser imediatamente afastada, tendo o seu contrato cancelado”.

Também surpreendida pelo teor da reportagem — como explicado numa circular enviada aos pais, no dia 28 — a direção do Colégio tomou imediatamente as providências que achou necessárias, tanto de ordem administrativa — cobrando dos encarregados pela cantina esclarecimentos sobre o fato ocorrido e correção imediata das falhas apontadas pela fiscalização — quanto de ordem educativa — desenvolvendo com os alunos trabalhos sobre a questão da alimentação e estimulando ações participativas no processo de solução do problema.

Dessa forma, segundo Pe. Maurício Paulinelli, Diretor Administrativo do Colégio: “Depois de uma reunião com o Conselho de representantes de Turmas, ficou estabelecida a constituição de comissões para visitas esporádicas à cantina com o objetivo de conhecer e vistoriar os serviços prestados”.

Além disso, na Equipe Acadêmico-Pedagógica, foi decidida uma presença mais assídua dos responsáveis administrativos do Colégio para a vistoria das instalações e das condições de higiene e para definições conjuntas com os responsáveis pela cantina sobre os serviços e os produtos oferecidos, com assessoria de uma nutricionista.

Para os pais que cobraram a imediata rescisão do contrato com os atuais locatários, Pe. Maurício explica: “A matéria publicada no Globo foi considerada momento oportuno e educativo para a Escola. Neste contexto é que se tratou também com os proprietários da cantina, numa chamada às responsabilidades de parte a parte e em respeito ao processo formativo do diálogo permanente, do enfrentamento conjunto e da ação construtiva que pautam toda a filosofia de trabalho no São Vicente. Um reforço no acompanhamento dos serviços, o estreitamento das relações de diálogo e transparência e a redefinição de responsabilidades foram consideradas medidas suficientes para manter os termos do contrato e capazes de sustentar a confiança construída em quase três décadas de serviços prestados ao Colégio pela mesma cantina”.



Como era de se esperar, ninguém ficou de braços cruzados e, no dia 28 de setembro, após nova inspeção da Vigilância Sanitária, todas as infrações estavam corrigidas.

Do lamentável episódio, ficam as palavras enviadas por e-mail pelos pais Túlio Vasconcellos e Sheila Guimarães: “Como a vida é uma coleção de experiências, certamente essa terá em si uma grande lição para toda a Comunidade Vicentina”. ■

Ana Beatriz de Noronha
Cátia Guimarães

TUDO VALE A PENA...

A tarefa de educar nem sempre é fácil. Muitos são os momentos de tristeza e desânimo e várias são as dúvidas sobre os caminhos a seguir. Muitos, no entanto, são os gestos e atitudes que levam formadores e educadores a prosseguir em sua batalha diária.

A recompensa pode vir na forma de um abraço de um aluno ou na confiança dos pais, pode vir pelo correio ou por e-mail.



ABAIXO: ISABEL, GUSTAVO, CÉLIA E ÂNGELO MARCOS



Notícias de uma aldeia chamada Istambul

Por e-mail, no dia 23 de junho, chegou uma dessas recompensas. Endereçada aos amigos e professores, a mensagem estava assinada por Célia Regina Navarro e contava um pouco da luta de sua família, depois de um ano morando na Turquia.

Segundo Célia, mãe dos ex-alunos Ângelo Marcos e Gustavo Pinho dos Santos e mãe de coração de Isabel Cristina — filha de seu segundo marido, Brent Longborough —, o início foi assustador. As diferenças culturais eram enormes, principalmente no que diz respeito à condição da mulher, e, para completar, em 18 de agosto do ano passado, houve um dos maiores terremotos ocorridos no país. Como ela mesma diz, “nunca esqueceremos esse dia, vimos a morte de perto”.

Em meio a tanta dificuldade, ela desabafa: “em minhas orações, me agarrei ao retrato do Pe. Almeida. Ele está sempre ao meu lado, em todos os tremores e temores”.

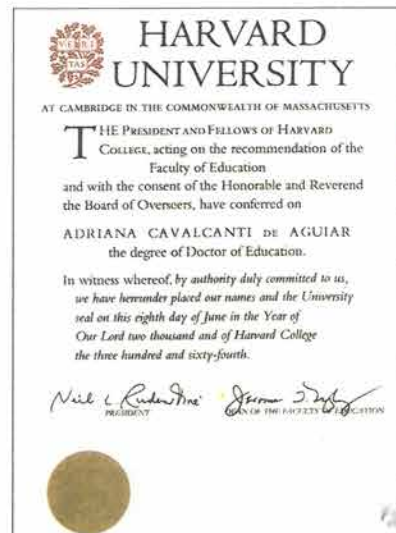
Mas nem tudo é sofrimento e as boas notícias são muitas. Os meninos foram estudar na Escola Americana. A falta de fluência no inglês os levou a freqüentar aulas de reforço e os resultados logo apareceram. O relato fica por conta de Célia.

“O Ângelo Marcos ganhou dois prêmios: ‘Melhor Desempenho do Ano em Humanidades’ e o ‘National Physical Fitness Award’, assinado por Bill Clinton. E, em matemática, ficou entre os melhores da turma”.

Sobre Gustavo, ou Gus Gus, como é conhecido na escola, ela conta: “Ele foi o que melhor se adaptou à escola e ao novo idioma, tendo recebido o prêmio de ‘Melhor Desempenho na Língua Inglesa’, da 6ª série. No teatro, já fez duas peças: ‘House of Cards’ e ‘Julius Caesar’, de Shakespeare”.

“Agradeço a vencedores”,

vocês, por fazerem dessas crianças uns completa Célia Regina.



Etc...

Aos mestres, com carinho

E se o e-mail veio de tão longe, a carta, de 12 de setembro, veio do Rio, trazendo um pouco da história de Adriana Aguiar, que estudou no Colégio de 1978 a 1980, quando prestou vestibular para medicina.

Formada pela UERJ, ela fez residência e Mestrado em Saúde Pública na Fundação Oswaldo Cruz. Recebeu, da Fundação Kellogg, uma bolsa para cursar Mestrado e Doutorado em Educação, na Universidade de Harvard, nos EUA.

“Ao embarcar para Boston, em 1996, enviei uma cartinha para o ‘meu diretor’ Pe. Almeida, relatando meus planos de estudo e agradecendo os valiosos ensinamentos que obtive nessa Escola”, conta Adriana, que completa: “Gostaria de ‘prestar contas’ a ele pessoalmente sobre minha trajetória de vida após o 2º grau. Porém, como a sua missão generosa terminou na Terra, estendo ao senhor, Pe. Lauro, e aos demais integrantes do Colégio a minha mais sincera gratidão pela qualificação recebida nos três anos de estudos nessa instituição”.

A fim de compartilhar sua alegria, Adriana enviou cópias de seu diploma de Harvard para todos que participaram de sua vitória. O São Vicente recebeu uma delas.

Olhando o diploma de Adriana, talvez fique claro o recado que Célia Regina enviou aos pais: “Seus filhos estão tendo uma educação e uma orientação maravilhosa dentro do São Vicente de Paulo. Tranqüilizem-se, daí saem os grandes nomes”.

Duas mensagens diferentes, dois grandes motivos para continuar.■

Ana Beatriz de Noronha
Cátia Guimarães

Semana Cultural

Ela é uma das maiores tradições vicentinas e não há um grêmio que se atreva a passar seu mandato sem ela. A famosa Semana Cultural, realizada pelo Grêmio do Ensino Médio, trouxe várias inovações no ano 2000. A começar pela camisa. Neste ano foi realizado um concurso para eleger os três melhores desenhos para a camisa da Semana Cultural. Os vencedores foram os desenhos de Diogo, Modesto e Iara (todos do 3ºano), que foram estampados em três cores, fazendo um total de nove camisas diferentes. Nem é preciso dizer que no quinto dia as camisas já tinham se esgotado!

Outra grande inovação foi a duração, já que se teve uma dupla Semana Cultural, com eventos realizados na hora do recreio, logo depois das aulas e também à noite.



Surge uma idéia

Ainda no primeiro semestre, surgiu a idéia de uma dupla Semana Cultural, com atrações bem diversificadas. Mas para que ela se tornasse realidade não bastava apenas querer, era preciso falar com a coordenação e direção do Colégio.

Somente para a escolha da data e dos horários dos eventos, foram necessárias diversas reuniões com coordenadores, padres, professores e grêmio. Afinal, não é tarefa das mais fáceis sintonizar os calendários das três séries do Ensino Médio. Depois de muita discussão, o acordo: a Dupla Semana Cultural aconteceria entre os dias 11 e 23 de setembro, em horários diversos.

A idéia vira fato

Depois da idéia e da data, era preciso arregaçar as mangas e colocar a proposta em prática.

A primeira tarefa foi achar alunos interessados com disponibilidade para compor a equipe dos bastidores. Não foram muitos os candidatos, mas João Gabriel (2ºA), Maria e Olívia (3ºC) formaram uma comissão que foi indispensável para a realização das atividades.

Depois das coisas encaminhadas, a primeira tarefa dos organizadores foi montar o cronograma das duas semanas mais esperadas no colégio. Decididas as palestras, apresentações e *shows*, foi a “hora dos contatos”: era preciso telefonar para marcar datas com os participantes, passar nas salas para saber o que os alunos esperavam e como poderiam participar. Também já era a hora de marcar o tão esperado *show* dos professores. Apesar de poucos alunos e professores terem se apresentado, a Dupla Semana Cultural continuou com a corda toda.

Para divulgar a programação, foram espalhados cartazes e folhetos informativos por todo o colégio, além dos avisos dados, ao vivo, nas salas de aula.





Um verdadeiro *mix* cultural

Palestras, shows, teatro, cinema, roda de leitura e debates. A isso deve-se acrescentar a troca de idéias entre pessoas diferentes, de realidades muitas vezes opostas que interagiram ao longo de duas semanas, transformando o São Vicente num espaço onde ocorreu um enorme intercâmbio cultural.

As atrações

Jean Marc, representante da ONG AFPTA, apresentou, no auditório, uma palestra sobre transtornos.

À noite, a platéia assistiu a um *show* da banda "Aqui Jazz um Samba", de alunos do próprio São Vicente, que foi seguida de roda de samba com convidados.

No dia 14, o recreio dos alunos teve uma hora de duração, dedicada à realização de uma roda de leitura. Alunos, professores e convidados sentaram em círculo no pátio para ler textos, declamar poesias, trocar idéias. Houve participação de um contador de histórias, dos professores Marco Antônio (literatura), Roberto Benetti (biologia) além de vários alunos que se interessavam, fazendo a roda crescer aos poucos.

No dia seguinte, novo recreio demorado, para a apresentação da peça "Torturas de um Coração", do grupo Sarça de Horeb. Nesse mesmo dia, depois da aula, uma palestra com Aleksander Laks, único sobrevivente polonês do holocausto e autor do livro "O sobrevivente". Não foram muitos os que estiveram presentes, mas quem viu garantiu que este foi o melhor evento da Semana Cultural. Durante quase três horas, ninguém desgrudou os olhos deste senhor, vindo de tão longe e com uma história de vida tão triste.

Etc...

No dia 19, aproveitando o contexto das eleições municipais, a professora Ângela Paia deu uma palestra sobre partidos políticos. Mais tarde, no auditório, foi a vez de um *show* com os alunos das bandas "Cinco a Seco", "Graviola" e "Made in Roça".

E a semana continuou, recheada de grandes eventos, como a exibição do filme sobre Josué de Castro, com direito a comentários de Silvio Tendler (diretor) e Sérgio Arouca (médico sanitário).

Durante os dias 18 e 23 de setembro, ou seja, durante a segunda semana, houve ainda debates com candidatos a prefeito e vereador. Durante esse período, o Colégio recebeu a visita de Benedita, Alfredo Sirkis, César Maia e Ciro Garcia, além de Bid, André (PV) e Lúcia Souto, que disputavam por uma vaga na Câmara dos Vereadores. Todos foram escolhidos por voto dos alunos.

Um prato cheio...

A Semana Cultural além de ser (e sempre foi) uma grande vitrine para novos talentos se apresentarem, é também uma "brecha" que os alunos têm para ampliar os horizontes, obter novos conhecimentos, adquirir cultura e conhecer outras pessoas. Quem não se deixou tocar por esse espírito perdeu uma grande oportunidade. Aqueles que participaram pareciam nunca estar saciados, querendo sempre coisas novas, com sede de absorver a maior quantidade possível de conhecimento, idéias e histórias. E quem participou dos eventos não teve dúvida: a Dupla Semana Cultural do São Vicente foi, mais uma vez, aprovada por unanimidade. ■

Mônica N. de Souza (2^o D)



O curso de Teatro Infantil foi criado no segundo semestre de 1987, para atender alunos de 1ª a 4ª séries do EF. Hoje, com cinco turmas e 64 alunos, mostra que veio para ficar.

Em estreita ligação com a filosofia do Colégio, a atividade se propõe a fazer o aluno refletir sobre diversos assuntos. No primeiro semestre deste ano, por exemplo, a montagem da peça "Adiaram a novela", de Lauro Basile (diretor do curso), permitiu aos alunos de 3ª e 4ª séries uma análise crítica da televisão. As crianças viram como a TV pode ser usada para estimular o consumo, eleger políticos incompetentes e veicular programas de baixa qualidade. Também foi discutida a deterioração que ela causa nos relacionamentos familiares sem, no entanto, se abandonar o aspecto positivo da existência de bons canais e programas.

Para cumprir seu papel educativo, o curso, cujo objetivo não é formar atores, busca inserir o aluno num processo contínuo de crescimento, no qual a disciplina, a responsabilidade e a capacidade de troca são trabalhadas ludicamente, mas com extrema seriedade. Segundo Lauro, "quando um aluno falta, não decora o texto e não se reúne com seus companheiros, fora do horário da aula, o trabalho tende a ser falho, pois todos são corresponsáveis".



As aulas

A dinâmica das aulas envolve jogos de integração e sensibilização, que facilitam o relacionamento entre todos; jogos de observação, concentração e imaginação, que aumentam a capacidade de compreensão de personagens e textos; exercícios de conscientização das expressões oral, gestual e corporal; jogos dramáticos, onde personagens interagem; percepção das intenções de cada personagem através de suas falas; criação de pequenas cenas pelos próprios alunos, sejam elas individuais ou coletivas, livres ou relacionadas ao texto trabalhado; e, finalmente, a avaliação dos exercícios isoladamente e de todo o processo, cuja vivência estimula a capacidade de criação do aluno e permite que ele amplie seu relacionamento, sua compreensão e sua interação com o mundo que o rodeia.



O espetáculo

Para a montagem das peças, a escolha dos textos e dos personagens depende de diversos fatores. O texto precisa ser bem aceito pelo grupo; apresentar temática, grau de dificuldade e tamanho adequados à faixa etária da turma; ter personagens que correspondam ao número e ao sexo dos alunos. Quanto à escolha dos personagens, além de considerar sua aceitação pelo aluno, deve-se levar em conta as características físicas, a capacidade de decorar e as possibilidades vocais — dicção e imitação — de cada um. "O importante...", explica Lauro, "...é que nenhum aluno fique de fora da montagem".

As apresentações ocorrem duas vezes por ano e marcam a culminância do trabalho que engloba a escolha do texto, a leitura branca — onde o texto é lido sem intenção da fala —, distribuição dos papéis, exercícios para conhecimento do texto e do personagem, a leitura interpretativa — após identificação das intenções —, o texto decorado, a marcação de cena, a confecção de cenários e figurinos, a sonoplastia e a iluminação.

No dia da apresentação, quando são encenadas todas as peças, é cobrado um pequeno valor pelo ingresso. O total recebido é usado para pagar os profissionais envolvidos na montagem do espetáculo — cenógrafos, maquiadores, figurinistas, etc. — e o lanche distribuído entre os alunos. Além disso, é organizado um churrasco de confraternização para toda a equipe. ■

Ana Beatriz de Noronha
Cátia Guimarães
Fotos: Lauro Basile

Etc...

CONTANDO A LIBERDADE

Zumbi, Calabar, Tiradentes, João Goulart e até os sem-terra visitaram o São Vicente durante o mês de outubro. Todos vieram em nome de uma das mais nobres causas defendidas pelo homem: o direito à liberdade. “*Libertas quae sera tamen*”, a mais nova peça de teatro do Grupo Calabouço, do Colégio, concebida e dirigida pelo professor Almir Telles, fez um verdadeiro *tour* histórico pelos movimentos que levantaram a bandeira de um Brasil mais livre.

Preparada ao longo do ano, a peça levou centenas de pessoas ao São Vicente, nos dias 25, 27 e 30 de outubro. E faltou espaço para tanta gente.

“*Libertas quae sera tamen*”, uma referência ao lema da Inconfidência Mineira, contradiz a idéia do senso comum de que o brasileiro é um povo pacífico e cordial. Começando no período da escravidão e chegando até os dias atuais, a montagem conta a história de diversos conflitos que marcaram a trajetória do país. Nesse pacote, foram apresentados, dentre outros, os quilombos criados pelos negros escravos, a luta contra os portugueses colonizadores, os levantes pela independência, as organizações contra a ditadura militar e a atual briga pela terra. Por trás dos movimentos em busca da liberdade, ia sendo recuperada a memória de um país marcado pela opressão.

Com elenco de 19 pessoas, três músicos, preparador corporal e todos os profissionais necessários para uma montagem de porte, a peça se transformou num verdadeiro espetáculo multimídia: com atores no tablado, filmes e fotografias projetados no fundo do cenário e música à vontade.

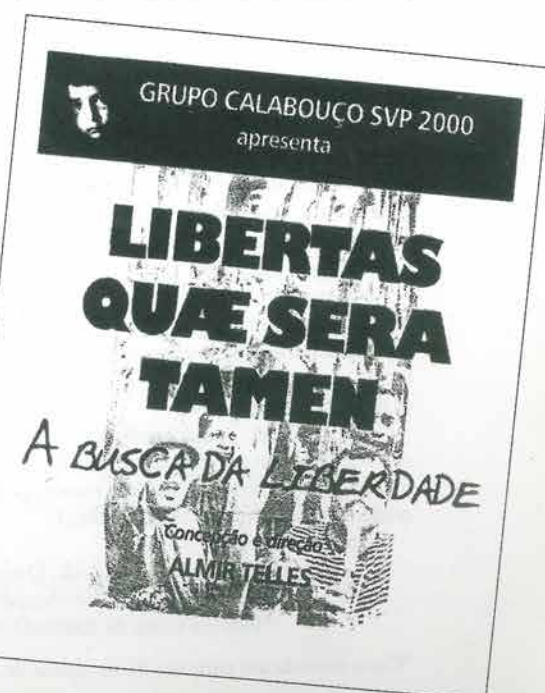
O resultado foi, no palco, uma mistura de lazer e aprendizado, euforia e reflexão. “Somos nós que fazemos a pesquisa e temos várias discussões”, conta Nana

Vasconcellos, atriz do grupo. Guilherme Stutz, também ator, complementa: “Aqui você aprende História, teatro, vida, enfim, aprende tudo”.

Na apresentação do dia 30, o grupo encerrou a noite homenageando a aluna-atriz Carolina Bastos, aniversariante do dia, e os alunos Clara Andrade, Maria Souto, Olívia Weid e Renan Vermelho, do último ano, que deixarão o Colégio e, conseqüentemente, o teatro.

No programa da peça, uma outra homenagem, mais histórica: “Dedicamos esse espetáculo às pessoas que tiveram como objetivo central de sua existência o carinho, a atenção e o amor ao próximo — como Jesus Cristo, Karl Marx, Betinho, Francisco de Assis, São Vicente de Paulo, Mahatma Gandhi, Teresa de Calcutá e a todos os homens de boa vontade”. Agora é só esperar a surpresa que o Calabouço trará no ano que vem. ■

Ana Beatriz de Noronha
Cátia Guimarães



AOS PAIS E RESPONSÁVEIS*

Vivemos uma época em que a tecnologia ocupa grande espaço na vida das pessoas, seja na área profissional, seja no lazer. Aparelhos como o computador e a televisão estão em nossos lares como portas abertas ao mundo. Se por um lado facilitam o acesso à cultura geral, como a Internet, por outro estimulam atitudes e tendências que, caso não sejam analisadas e discutidas, podem gerar conseqüências altamente indesejáveis.

Sabemos que o computador, com a Internet, tem sido um grande aliado no trabalho educativo, mas precisamos discutir alguns pontos sobre o seu uso.

O homem é um ser curioso e como tal não se contenta em apenas conhecer o objeto do desejo. Seu interesse faz com que o explore cada vez mais. Assim é a criança. Ao se ver com possibilidade de conhecer o novo e de reduzir sua ansiedade, entrega-se inteiramente à descoberta.

Tomamos conhecimento de que alguns alunos de nove e dez anos estavam navegando por um *site* pornográfico que utiliza personagens de histórias infantis para representar cenas de sexo, imprimindo e trazendo essas imagens para o colégio. Já tendo conversado com os pais desses alunos, consideramos importante conversar com outros pais e responsáveis a respeito do assunto, porque sabemos da importância que essas histórias têm no imaginário infantil. É através da fantasia que a criança começa a elaborar seus sentimentos em relação à realidade em que vive. Sendo assim, é muito desagradável saber que pessoas maldosas utilizam-se desses mitos para mexer com o pensamento infantil e induzir a comportamentos que não podemos recomendar, justificar ou aceitar.

Nossa preocupação está relacionada também com a forma como esses fatos ocorrem. Os pais estão fora, trabalhando, e, muitas vezes, não têm oportunidade de conversar com os filhos sobre o que viram na Internet, nem com quem estavam naquele momento. Dizemos isto até porque esta é uma cultura nova em nossas casas. Queremos que as crianças pesquisem e aprendam com a Internet, porém nem sempre sabemos o que andaram visitando. Por esta razão, até agora não tivemos, nem muito provavelmente vamos ter, acesso livre à Internet no Colégio.

No São Vicente, temos feito uso da Internet de forma criteriosa. Nosso filtro é humano, não eletrônico, e didático, ou seja, só são disponibilizados os *sites* de cunho pedagógico. Normalmente, o professor faz a pesquisa inicial, seleciona os *sites* necessários e depois eles são colocados em rede para uso dos alunos com a supervisão de um orientador.

A erotização da infância e a banalização do sexo estão presentes também na televisão, através de programas, novelas, comerciais, danças, músicas e personagens que são criados com forte apelo sexual.

Quando ocorre a massificação das atitudes ditadas pelos meios de comunicação, geralmente desaparece o diálogo verdadeiro e amigável. As imagens vendidas têm intenção de estimular o desejo e não de dar condições de uma pessoa refletir, decidir e escolher por si mesma.

Na terceira série, nossos alunos têm oportunidade de aprender sobre o corpo humano, incluindo nessa aprendizagem os principais órgãos e funções do aparelho reprodutor masculino e feminino, relacionando o seu amadurecimento às mudanças no corpo e no comportamento de meninos e meninas durante a puberdade e respeitando as diferenças individuais.

Concluindo, gostaríamos que o senhor ou senhora refletisse sobre o exposto e conversasse com seu filho a respeito do uso da Internet e também das imagens veiculadas pela televisão. Juntas, família e escola, poderemos formar cidadãos mais conscientes e críticos diante do que vêem e vivem.

Atenciosamente,

Pe. Lauro Palú, C.M., Diretor
Liliane Santos, Coordenadora Pedagógica
Norma Goes de Andrade, Orientadora Educacional

*Carta enviada aos pais, em 22 de agosto de 2000.



AO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO

Escolhi para meus filhos o Colégio São Vicente de Paulo, por boas informações que tive de amigos e ex-alunos.

Sempre me senti orgulhosa de ter feito esta escolha, porque sempre vi que meus filhos eram felizes aqui.

Hoje, eu e minha família agradecemos muito o carinho e a dedicação oferecidos aos meus filhos durante estes 11 anos de convivência. Mais ainda, agradecemos ao Pe. Lauro, a toda coordenação, aos professores, alunos, colegas de turma e aos funcionários, pelo apoio, conforto e amizade que nos deram numa hora tão triste e cheia de dor pela qual passamos com o falecimento do nosso querido Renato.

Obrigado São Viça.

Inah, Ricardo, Rodrigo e família





COMO FAZER UM PRESÉPIO

Quando estudei no Caraça, em menino, tive a oportunidade de armar o presépio, dois anos seguidos. A gente guardava os santos, o burro e o boi, os camelos e as ovelhas e alguma pedra especialmente bonita para as montanhas, o espelho para o lago. Os musgos, as areias de cor e sobretudo as orquídeas íamos buscar no mato e nos campos, cada ano. Para fazer o presépio no São Vicente, fui anotando o que trazer de bonito para Cristo, que acaba de nascer nosso Irmão: Assim, junto com os Pobres e os Sábios (os Pastores e os Magos), venho, com os professores, funcionários e alunos, pais ou responsáveis, amigos e ex-alunos, oferecer estes dons ao Menininho:

O que a Raíssa da turma 33 me perguntou: “Você vendem giz aqui no Colégio?” E eu perguntei: “Pra quê, meu anjo?” Ela respondeu que era para alfabetizar a empregada da família dela, que o quadro negro ela já tinha em casa.

O que o Guilherme da 31 me perguntou: “Quer dar uma mordidinha?”, quando os do Grauninha vieram vender-me biscoitos, comprei e lhes dei para que eles mesmos comessem.

O que o Eduardo da 11 me disse na festa do Carnaval, na quadra coberta: “Guarda pra mim, tio”, sua carteira com dinheiro.

O que os da 1ª e 2ª série fazem, quando marcam no pátio o seu lugar na fila com dinheiro, porque sabem que estão na casa deles e ninguém vai mexer e nem furar fila.

O que o Felipe da 23 ou o Gustavo da 21 (são gêmeos, como vou saber?) me disse, que era para eu construir um hotel atrás do Colégio. Eu falei que não dava porque era ali que eu morava e ele disse: “O senhor é que é sortudo”. Eu perguntei: “um hotel pra quê?”, e ele disse que era para o pai e a mãe dele virem morar aqui no sábado e no domingo e verem como é bom o Colégio deles.

O que Toshio e Padilha da 24 me pediram, “guardar para eles a tanajura no vidro até a semana que vem”. Com tanta teologia e filosofia, virei guardador de tanajura. Deixe meu pai saber....

O que vi, num dia de recesso, quando os zeladores terminaram de lavar o pátio e ficaram raspando chicletes do chão para limpar onde os alunos pisam. A emoção disso vale bem um Conselho de Classe, uma Festa de Formatura, uma Primeira Comunhão.

As flores do caminho das quadras, que florescem o ano inteiro ao lado da palmeira e que ninguém arranca nem destrói, nem mesmo depois de perder um campeonato ou a olimpíada.

E para o Deus Menino ver que o São Vicente vai ficar ainda mais bonito, trago também o sonho que eu tenho, cada dia: que um dia um aluno dos grandes ajude um dos pequeninhos a carregar sua mochila na escada, quando sobem para as aulas.

